



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA INFORMAÇÃO - ICHI

Narrativas sobre a formação e o desenvolvimento de atividades de contadores profissionais de histórias: estratégias de promoção da leitura

Rio Grande
2013

MARIA CRISTINA DA SILVEIRA DAMASCENO

Narrativas sobre a formação e o desenvolvimento de atividades de contadores profissionais de histórias: estratégias de promoção da leitura

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientadora: Prof.^a Dra. Renata Braz Gonçalves.

Rio Grande
2013

MARIA CRISTINA DA SILVEIRA DAMASCENO

Narrativas sobre a formação e o desenvolvimento de atividades de contadores profissionais de histórias: estratégias de promoção da leitura

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia.

Aprovado em: 02/ 04/ 2013

Dr^a Renata Braz Gonçalves
Coordenadora do curso

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a **Renata Braz Gonçalves** – ICHI/FURG (Orientadora)

Prof. **Claudio Renato Moraes da Silva** - FURG

Prof.^a **Magali Martins Aquino**

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pela oportunidade de realizar meu sonho, e a todos que contribuíram para a realização do mesmo.

Agradeço a Prof.^a Renata Braz Gonçalves, não apenas pela orientação deste trabalho, mas por receber minhas dúvidas e saná-las sempre com atenção, paciência e dedicação.

Agradeço a contribuição dos professores Claudio Renato M. da Silva e Magali M. Aquino, membros da banca avaliadora, que possibilitaram que o trabalho pudesse ficar mais qualificado na defesa da monografia.

A todos da biblioteca Central Hugo Dantas da Silveira, local de meu estágio, nos quais pude aprender muito, e tive a oportunidade de trabalhar.

A minha filha querida Brendha, por todos os momentos de ausência, em que me dediquei aos estudos, e deixei de dar atenção merecida.

A minha mãe Marlene por todos os momentos de incentivo durante esta caminhada.

A todos meus colegas e amigos, tudo que conquistei por meu esforço tem mérito a ser compartilhado, com os que me apoiaram em especial a minha amiga Katiane Abreu e Ilo Alexandre, que contribuíram para a concretização deste sonho.

Muito Obrigado!

RESUMO

A presente pesquisa teve, como objetivo, verificar como acontece a formação de contadores de histórias integrantes da *Red Internacional Cuentacuentos*, e como desenvolvem suas atividades bem como a relação com o espaço da biblioteca. A pesquisa é de natureza qualitativa, de caráter descritivo. O trabalho aborda: o conceito de contação de história e/ou hora do conto; a formação dos contadores; os métodos de realização da atividade; a opinião dos entrevistados no que se relaciona à atividade em bibliotecas escolares e públicas; a relação da profissão de contador de história com a área de Biblioteconomia; e as dificuldades que os entrevistados encontram durante a realização da atividade. A metodologia desenvolveu-se em duas etapas: a primeira de cunho bibliográfico, uma vez que buscou-se publicações que abordem a temática, e em bases de dados tais como: Base de Dados Referencial de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (BRAPCI), LUME Repositório Digital, Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD) e Google Acadêmico. Através da revisão bibliográfica foi possível constatar que há poucas publicações sobre o tema abordado na área de Biblioteconomia. As áreas que mais produzem são: Pedagogia, Psicologia e Letras. Na segunda etapa, aplicou-se um questionário aos 131 membros da *Red Internacional Cuentacuentos* no Brasil, os quais foram identificados através de um *site* da rede; a amostra da pesquisa é de doze entrevistados. Através da análise dos dados foi possível observar diferentes abordagens em relação à teoria. O conceito de contação de história e hora do conto, na opinião de alguns dos contadores, é de diferentes técnicas. A formação dos profissionais deu-se através do gosto pela leitura desde a infância e durante a formação profissional. Os métodos para realizar a atividade foram descritos pelos entrevistados como recursos visuais e/ou elementos mágicos, e a oralidade, com seus gestos e timbres de voz, em relação às dificuldades dos entrevistados em realizar a atividade, constatou-se que os mesmos possuem diferentes opiniões; alguns têm dificuldade em função do barulho externo, conversas paralelas à atividade e locais inadequados. A relação da área, de Biblioteconomia com a atividade de contar histórias é de parceria, uma vez que este fato está inserido no contexto da Biblioteconomia. Na opinião dos entrevistados, as bibliotecas escolares e públicas são ambientes convidativos à prática de contar histórias. Conclui-se que através da literatura pesquisada e da análise dos dados empíricos, a contação de histórias é relevante técnica para dinamizar a biblioteca, pois estimula a imaginação, desenvolve o intelecto e auxilia no processo de ensino aprendido.

Palavras - chave: Biblioteconomia. Incentivo à leitura. Contação de histórias. Hora do conto. Formação do leitor.

ABSTRACT

The currently research verified how happens the formation of storyteller from Red Internacional Cuentacuentos, and how they develop their activities as the relation with the library area. The research is a qualitative nature, and a descriptive character. The work shows: the concept of storyteller and/or story time; the formation of tellers; the methods of a activities realization; the interviewer opinion about the school and public library activities; the relation of the storyteller an library area; the difficulties that the interviewers foun in a activity realization. The methodology developed in 2 ways: first, as a bibliographic, once was searched publication that talk about the theme, and ina data bases like: Referencial Data Bases Articles from Science of Information Periodics, Digital Repository, Theses and dissertations Digital Library and Academic Google. Through the bibliographic review was possible to see that is a feel publications about the theme in a Library Course. In the areas that most produze are: Pedagogy, Psychology and teachers course. In a second applied a questionnaire to the 131 members of Red Internacional Cuentacuentos in Brazil, that was identifies beyond a website; the sample of the research is 12 interviewers. In the analizys of the data was possible to watch differents views about the theory. The concept of storytellers and the tale time, in a some tellers opinion, is a different technique. The professionals formation came from read since from childhood e in all the professional formation. The methods to realize the activity was describe by the interviewers as a visual resources and magic elements, and the orality, with the personal ways and voices tone, in relation about the difficulties of the interviewers to realize the activitie, was seenthat the same had different opinion; some has difficulties because the external noises, conversations and inappropriate places. The relation of the library area with the activitie to tell a story is a partnership, once this fact inserted in a library course context. In interviwers opinions, the school and public libraries are a good environmental to tell stories. At all, the literature searched and the empiric datas analizys, the act to tell stories is a relevant technique to dinamize the library, cause stimulate the imagination, develop the intellect and also helps the learning teach process.

Keywords: Library Course, Read incentive, storrtell, Tale time. Formation of the reader

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1 REVISÃO DE LITERATURA	10
1.1 Biblioteca escolar e incentivo à leitura.....	10
1.2 Conta Brasil e Red Internacional de Cuentacuentos	14
1.3 Contação de histórias e as novas tecnologias	15
2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	19
3.1 O conceito de Contação de histórias	21
3.1.1 Semelhanças ou diferenças em relação à hora do conto e contação de histórias	23
3.2 Os benefícios da arte de contar histórias	25
3.2.1 Aspectos emocionais.....	25
3.2.2 Aspectos cognitivos.....	26
3.2.3 Aspectos sociais	27
3.3 Locais e público alvo para contação de histórias	28
3.4 Métodos utilizados para realizar a contação de histórias	30
3.5 Material utilizados pelos contadores de histórias.....	32
3.7 A Red Internacional de Cuentacuentos	36
3.8 A formação dos contadores de histórias.....	37
3.9 A contação de histórias em bibliotecas escolares e públicas.....	40
3.10 A Relação da Biblioteconomia com a contação de histórias.....	43
3.11 Bibliografias utilizadas pelos contadores de história em sua formação	45
APÊNDICE A - Narrativas sobre a formação e o desenvolvimento de atividades de contadores profissionais de histórias: estratégia de promoção da leitura.....	55

INTRODUÇÃO

A narrativa oral está presente em nossa cultura há muito tempo, ou seja, contar história é uma das artes mais antigas. Começou bem antes da escrita. A transmissão de conhecimento por meio da oralidade é cultivada nas diversas culturas, pois a mesma é essencial à capacidade humana de fabular, fantasiar e criar.

Sabemos que os contadores tinham um caráter funcional e decisivo na sociedade, pois eles cultivavam e disseminavam a informação. Eles receberam vários nomes através dos tempos como, por exemplo: *rapsodo*, para os gregos; *griot*, para os africanos; *bardo*, para os celtas; ou contador de história (BUSATTO, 2006).

Eram pessoas que se valiam da narrativa oral para manter viva a cultura de um povo ou região [...] “nas sociedades primitivas, os contadores de histórias eram muito respeitados, pois se reputavam como a memória da comunidade. Assim atuavam também os jograis¹, na Idade Média informadores em potencial” (CALDIN 2002, p.29).

No Brasil, é uma prática antiga, foi trazida pelos africanos e continua até os dias atuais em algumas regiões do Brasil através dos griôs². Esses são pessoas que possuem o ofício de transmitir o conhecimento e têm, como missão, receber, preservar e transmitir o conhecimento adquirido, valorizando a cultura de um povo ou nação, ou seja, a riqueza imaterial e cultural a ser preservada.

A Ação Griô Nacional é uma ação compartilhada no âmbito do Ministério da Cultura, através da Secretaria de Cidadania Cultural, SCC-MinC e o **Ponto de Cultura Grãos de Luz/Lençóis – BA**. Visa à preservação das tradições orais das comunidades e à valorização dos Griôs, Mestres e Aprendizes enquanto patrimônio cultural Brasileiro.

Segundo Busatto (2010, p. 1), a prática de contar história “precede a linguagem verbal, logo me vem à mente a imagem do homem pré-histórico, que ao pintar um bisão na parede da caverna, contava e deixava ao mundo a sua história. Sim, porque é possível contar histórias se apropriando de diversas linguagens, ou antes, diversos suportes”. Portanto, com o desenvolvimento da linguagem falada, passou-se a transmissão a partir da oralidade.

¹Indivíduo que, na época medieval, ganhava a vida recreando o público com música e poesia ou com jogos de mão, acrobacia, mímica, etc.

²Disponível em:<<http://www.cultura.gov.br/culturaviva/category/cultura-e-cidadania/acao-grio/>>. Acesso em: 08 out. 2012.

Através da oralidade surge a prática de contação de história e, com o tempo, os profissionais da área da educação a utilizar a literatura especializada, como ferramenta no processo de formação do conhecimento. Sabemos que o texto literário percorreu caminhos para adentrar em um mundo de possibilidades como é atualmente. Pois não havia uma literatura destinada ao público infantil.

A literatura infantil surgiu no século XVIII, mas foi no final do século XIX, início do século XX, que houve uma preocupação maior de utilizá-la como suporte no processo de ensino aprendizagem. No Brasil, a literatura obteve maior destaque através das obras de Monteiro Lobato que criou uma literatura genuinamente brasileira (SCHARF, 2000).

A contação de história é uma ferramenta relevante na dinamização das bibliotecas é utilizada com mais frequência em bibliotecas escolares, embora ainda não seja em sua maioria.

A presente pesquisa teve, como questão central, saber como os profissionais contadores de histórias atuam e orientam sua atividade de contação de histórias.

O resultado da presente pesquisa visa auxiliar no desenvolvimento de atividades de incentivo à leitura, ao pesquisar não apenas em teoria, mas através dos depoimentos de profissionais atuantes sobre a prática de contação de história. E, com isto, registrar informações relevantes aos profissionais da área de Biblioteconomia como de outras áreas para melhor desenvolverem suas atividades.

A pesquisa é relevante para a área de Biblioteconomia, pois há poucas publicações sobre o tema abordado. Além disto, visa contribuir na dinâmica da hora do conto e/ou contação de história, que possam auxiliar os profissionais da área a exercer suas funções com êxito.

Segundo a Lei Federal Nº 12.244 a qual entrou em vigor em 24 de maio de 2010, faz se necessário ter um profissional bibliotecário nas instituições de ensino público ou privado do país, em um período de dez anos a partir da data mencionada. E assim, é preciso que o mesmo esteja habilitado a compreender e exercer suas funções na biblioteca escolar, e dessa maneira, que atenda às necessidades de formar novos leitores. Essa função exige dedicação, sensibilidade e criatividade, uma vez que muitas crianças têm contato com os livros apenas na escola.

De acordo com Gonçalves (2005, p.27), “geralmente por intermédio da escola que o indivíduo se habilita à leitura”, devido a diferentes fatores, dentre os quais podemos citar as questões financeiras; muitos não têm acesso ao livro, e em outros casos apesar de disponível o

acesso à literatura, alguns pais, sobrecarregados com as atividades profissionais, acabam por não dedicar um tempo do seu dia com a atividade de leitura com seus filhos.

A pesquisa é relevante, pois busca referencial teórico e o conhecimento de profissionais capacitados com experiência em contação de história, que possa auxiliar os futuros profissionais que atuam em biblioteca escolar (BE).

Assim o trabalho possui como objetivo geral: verificar como acontece a formação de contador de histórias integrantes da *Red Internacional de Cuentacuentos*, e como desenvolvem suas atividades e a relação com o espaço da biblioteca.

Através dos objetivos específicos buscou-se: a) identificar e contatar contadores de história na *Red Internacional de Cuentacuentos (RIC)*; b) verificar como acontece a formação de contadores de histórias vinculados à Rede; c) averiguar quais são as dificuldades encontradas para realizar as atividades; d) investigar qual a relação da Biblioteconomia com a arte de contar história; e) analisar a opinião no que se refere à atividade em bibliotecas escolares e públicas; f) pesquisar quais as bibliografias os contadores de história utilizam em sua formação de contador de histórias.

Nessa introdução apresentamos um breve histórico sobre a prática da oralidade.

No segundo capítulo expõe os procedimentos metodológicos adotados para a realização da pesquisa, a mesma se desenvolveu em duas etapas: a primeira a revisão de literatura sobre o tema, a segunda identificou-se os entrevistados contadores de histórias profissionais no *site da Red Internacional de Cuentacuentos* no Brasil, logo após enviou-se o questionário via e-mail para os entrevistados.

No terceiro capítulo, são apresentados e discutidos os resultados encontrados durante a pesquisa. Esse capítulo se subdividiu em tópicos, ou seja, na ordem de questões realizada aos entrevistados.

Por fim, são apresentadas as considerações finais da pesquisa, nessa parte do texto são expostas as constatações a que se chegou a partir da realização desta investigação, bem como sugestões e propostas de continuidade de estudo que foram gerados a partir da análise dos dados.

1 REVISÃO DE LITERATURA

O tema da presente pesquisa surgiu durante a realização de atividades de incentivo à leitura no Lar da Criança Raio de Luz, na cidade do Rio Grande. Ali eram realizadas atividades como: contação de história; criação de histórias; rodas de leitura; e interação musical, em um período de dois anos que compreende o ano de 2010/2012. A acadêmica atuou como voluntária sob a orientação da professora Renata Gonçalves Braz, do curso de Biblioteconomia.

Durante as atividades, fui envolvendo-me cada vez mais, e foram surgindo inquietações como: Qual a melhor maneira de conduzir as atividades? Haverá metodologias para melhor aproveitamento junto às crianças? Que histórias contar? Enfim, como realizar as atividades de modo que as mesmas não se dispersem com brincadeiras ou brinquedos, pois realizávamos as atividades em uma brinquedoteca.

Foram momentos prazerosos em que decidi fazer o Trabalho de Conclusão de Curso sobre o tema e desta forma, pesquisar profissionais atuantes em contação de história. E assim dar minha contribuição, na aquisição de novos conhecimentos de incentivo à leitura.

1.1 Biblioteca escolar e incentivo à leitura

A escola tem seu papel fundamental na educação, o de formar as futuras e novas gerações, em agente transformador do conhecimento. A biblioteca escolar (BE) tem, como missão, auxiliar na formação do senso crítico, propiciar opiniões e questionamentos de ideias. Ao adquirir novos conhecimentos, a criança, desenvolve a capacidade de discernimento na tomada de decisão, seja em relação a sua vida ou a de outrem. A leitura possibilita absorção dos valores da sociedade.

Segundo IFLA – Federação Internacional de Associação de Bibliotecários e Instituições (2005, P.4), a missão da biblioteca escolar:

A biblioteca escolar propicia informação e ideia que são fundamentais para o sucesso de seu funcionamento na sociedade atual, cada vez mais baseada na informação e no conhecimento. A biblioteca escolar habilita os alunos para a aprendizagem ao longo da vida e desenvolve sua imaginação, preparando-os para viver como cidadãos responsáveis.

Na sociedade atual a informação modifica-se a cada instante; saber interpretar e selecionar estas informações torna-se fundamental. A biblioteca escolar é instituição

responsável em estimular o senso crítico do indivíduo, para que o mesmo desempenhe seu papel no exercício da cidadania.

Para que a biblioteca assuma o seu papel no processo de construção pedagógica, é imprescindível uma relação de cumplicidade entre educadores e bibliotecários, beneficiando os usuários, desenvolvendo sua função de agente transformador do conhecimento. Como afirmam (CAMPELLO 2003, *apud* FARIAS; VIRIATO, 2009, p. 12), “ensinar, não apenas as habilidades que venha tradicionalmente ensinando (localizar e recuperar a informação), mas também a função de envolver-se no desenvolvimento das habilidades de pensar criticamente, ler, ouvir e ver, enfim, ensinar a aprender a aprender”.

Crianças ingressam na escola, cada uma com suas dificuldades e aspirações, trazendo consigo sua bagagem. É nesse contexto que a literatura como ferramenta do contador de história irá contribuir na formação de cada cidadão.

É relevante que o bibliotecário esteja engajado no processo educacional da escola, para contribuir na formação dos alunos, ou seja, atender as necessidades do público escolar e desenvolver atividades de dinamização da biblioteca escolar, além da organização da mesma.

De acordo com as diretrizes estabelecidas por IFLA e UNESCO para bibliotecas escolares (2005, p.11), o bibliotecário escolar.

[...] é o profissional qualificado da equipe, responsável pelo planejamento e gerenciamento da biblioteca escolar. É apoiado por pessoal que deve estar adequado ao trabalho. Trabalha em conjunto com todos os membros da comunidade escolar e, ainda, estabelece contato com bibliotecas públicas e outros.

O incentivo à leitura necessita de profissional capacitado no ambiente das bibliotecas escolares. De acordo com o documento de Diretrizes da IFLA/UNESCO para biblioteca escolar (2005, p.19), a função cultural da biblioteca escolar é de o profissional “bibliotecário poder organizar reuniões [para troca de ideias] sobre livros e também a ”hora do conto”, para alunos mais jovens; ele pode estimular o interesse pela leitura e organizar programas que promovam o desenvolvimento do gosto da literatura”. O documento aborda prática de incentivo à leitura, hora do conto, mas não discorre sobre métodos de como executá-lo; em função disso, faz-se necessário a busca em uma literatura especializada capaz de dar suporte para o profissional o qual irá desenvolver as atividades junto à biblioteca escolar.

Para melhor esclarecimento, incentivo à leitura caracteriza-se por “toda a ação e/ou iniciativa que tem por objetivo promover o interesse pelo ato de ler e/ou a viabilização de tal prática, podendo ser explicitada através de atividades provocativas como a hora do conto” (GONÇALVES, 2005, p.35). As publicações abordam os termos com o mesmo desígnio;

auxiliar alunos no processo de aprendizado pedagógico, com atividades que desenvolvem a criticidade, criatividade, oralidade e a escrita. Atuando sempre em conjunto bibliotecários, professores e a direção da escola, é possível desenvolver o processo de ensino-aprendizagem com melhor aproveitamento.

Deste modo, é indispensável, que o bibliotecário desenvolva atividades de incentivo à leitura, como hora do conto e/ou contação de história, sendo a mesma importante ferramenta, na formação de novos leitores. Através da narrativa oral, é possível prender a atenção do ouvinte, de acordo com Busatto (2009, p.35):

A narrativa oral é política transgressora quando agrega os ouvintes, seja na rua, na praça, e subverte o tempo linear, a pressa, quebra a resistência em ouvir a voz do outro, rompe as defesas do passante com a graça do contador, liberta o sujeito das normas e oferecem indagações, questionamento, alegria, riso, descontração, aproximação, harmonia, fraternidade.

A narrativa oral estimula a prática de leitura do leitor/ouvinte, despertando não só a curiosidade, mas o questionamento para novas ideias criadas a partir da leitura, ou seja, desperta o intelecto, o emocional e a imaginação através das histórias narradas.

O contador de histórias resgata a tradição oral e ao mesmo tempo estimula a imaginação do ouvinte. A mensagem é auditiva e não visual. Contar é uma arte: é necessário captar o ritmo e a cadência dos contos, fazer as pausas no pensamento certo não entrar em descrições cheias de detalhes, criar um clima de envolvimento e de encanto, e acima de tudo usar todas as modalidades e possibilidades da voz - sussurrar, imitar os ruídos, as vozes dos animais [...] (CALDIN, 2002, p. 7).

A citação evidencia a importância do contador de história, pois o mesmo através de narrativas constrói um universo de fantasia, capaz de conduzir o leitor/ouvinte do real ao ficcional, desenvolvendo a capacidade de criatividade, de crianças e adultos, utilizando relevante ferramenta a literatura.

A literatura infantil constitui uma ferramenta fundamental na educação, no sentido de despertar o imaginário, enriquecer a visão de mundo, desenvolver o senso crítico e a criatividade.

Textos direcionados às crianças fazem-se necessárias, para melhor compreensão. A literatura é um espaço fantástico “para a expansão do seu ser, exercício pleno da sua capacidade simbólica, visto trabalhar diretamente com elementos do imaginário, do maravilhoso e do poético. Amplia o universo mágico, transreal da criança para que esta se torne adulto mais criativo, integrado e feliz” (CAVALCANTI, 2009, p.39). É nesse contexto que a literatura infantil torna-se uma importante ferramenta pedagógica.

A literatura tem como função cultural na sociedade “desenvolver nas pessoas, principalmente nas crianças, um espírito analítico e crítico [...]” (CALDIN, 2003, p. 56),

enquanto oportunidade de enriquecimento é primordial na formação do indivíduo e do cidadão e, desse modo, os profissionais bibliotecários e/ou professores, poderão valer-se da literatura como suporte no aprendizado.

Segundo Gonçalves (2005, p. 28), a literatura tem seu papel relevante no contexto da educação, pois o “livro infanto-juvenil em torno da escola, entregando-lhe o papel de não apenas crianças nas letras, mas principalmente de mantê-las “fiéis” a elas, de transformá-las em leitores interessados e permanentes”. Uma vez que a literatura caracteriza-se pelo seu valor lúdico e pedagógico no desenvolvimento integral da criança, obtendo níveis elevados de leitura e aprendizado.

Giroto e Souza (2009, p.20) confirmam o estado da arte da literatura.

[...] literatura, esta concebida como uma arte capaz de motivar, no mesmo processo, a expressão do Imaginário, do real, dos sonhos, das fantasias, dos conhecimentos apropriado pelo sujeito. Em sua essência, ela atua sobre as ações e emoções do ser humano e este poderia, por meio dessa arte, transformar e sofisticar seu processo de humanização.

Neste contexto os contos de fadas como literatura designada ao público infantil, importante ferramenta capaz de estimular a imaginação da criança, ajudar a desenvolver seu intelecto, e, além disso, auxiliar a resolver sentimentos que possam dificultar o seu desenvolvimento emocional.

[...] enriquecer a sua vida deve estimular-lhe a imaginação: ajuda-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas emoções; estar em harmonia com suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades, e ao mesmo tempo, sugerir soluções para problemas que perturbam. [...] relacionar-se simultaneamente com todos os aspectos de sua personalidade e isso sem nunca menosprezar a seriedade de suas dificuldades, mas ao contrário, dando-lhe total crédito e, a um só tempo, promovendo a confiança em si e em seu futuro (BETTELHEIM, 2007, p.11).

A literatura de contos de fadas, escritos há bastante tempo, continuam sendo temas atuais, tendo como características a perenidade e a universalização, pois conseguem ultrapassar o tempo e encantar adultos e crianças.

Esta literatura é fonte de estudo, para muitos profissionais que compartilham seus conhecimentos através de sua interpretação, aprofundando-se no eixo de seu interesse. A mesma é considerada além de ser utilizada como lazer, cultura, processo pedagógico é utilizada como recurso terapêutico.

1.2 Conta Brasil e *Red Internacional de Cuentacuentos*

Na busca realizada na rede mundial de computadores, identificaram-se redes de contadores de história nacionais e internacionais.

O Instituto dos Contadores de Histórias do Brasil é uma Organização não Governamental (ONG) a qual tem como objetivo preencher uma lacuna no espaço cultural.

O Conta Brasil³ é uma instituição sem fins lucrativos; busca disponibilizar espaços para promover debates e ações culturais, estimular e divulgar pesquisa envolvendo especialistas em contação de história, educadores, artistas, cientistas e pesquisadores.

O objetivo da instituição é divulgar a cultura literária e a tradição oral no Brasil e em outras partes do mundo. Além disso, visa exaltar ações dos contadores de história através de divulgações do seu trabalho em instituições públicas e privadas, com realizações de seminários, palestras, conferências e simpósios. A instituição Conta Brasil faz parte da *Red Internacional de Cuentacuentos (RIC)*⁴, de contadores de história.

A *RIC* iniciou suas atividades em 2009, a partir do projeto urgente de criar uma plataforma internacional de contadores de histórias. Atualmente, a rede reúne mais de 970 contadores de histórias profissionais de 45 países nos cinco continentes. No Brasil, existem 131 contadores membros da rede. O maior banco de dados no mundo neste campo é coordenado por quinze especialistas de onze países diferentes, todos com uma longa carreira como escritores, pesquisadores do folclore, ilustradores criativos, acadêmicos e contadores de histórias. Através do *site* disponibiliza informações para o incentivo à pesquisa, à recuperação do patrimônio oral, à promoção da leitura e ao valor de contar histórias como um patrimônio da humanidade.

Os objetivos da *Red Internacional de Cuentacuentos* são pontes de interligação entre contadores de todas as culturas mundiais, a revitalização de bibliotecas e escolas. A promoção de leitura, divulgação de obras-primas da literatura tradicional e contemporânea por meio de

³ Disponível em: <<http://www.contabrasil.org.br/>>. Acesso em: 10 out. 2012.

⁴ Disponível em: <<http://www.cuentacuentos.eu/noticias/noticias.htm>>. Acesso em: 10 out. 2012.

histórias, gerar propostas e atividades para divulgar o trabalho de contar história, promover elementos críticos através de publicações.

A Rede tem como missão ser instrumento de informação e consulta para todos os contadores de história, bibliotecas, instituições culturais e educacionais. A responsável no Brasil é Benita Pietra, escritora e contadora de histórias e presidente do Instituto Conta Brasil.

1.3 Contação de histórias e as novas tecnologias

As crianças e jovens aprendiam com as histórias vivenciadas e contadas por seus antepassados, isto é, avós e parentes que dividiam seus conhecimentos. De acordo com Cavalcanti (2009, p. 19), “As narrativas sempre se constituíram relato essencial da capacidade humana de fabular, fantasiar e criar”. É importante que a criança tenha contato com os livros nos primeiros anos de vida, seja no manuseio ou através de histórias narradas pelos pais, assim se tornará um futuro leitor, porque é da mais tenra idade que se adquire o hábito de ler.

Contar histórias ou momentos de oralidade como a "Hora do Conto" nas escolas brasileiras. Há uma valorização da leitura de textos literários, pois se julga importante desde os primeiros anos de vida da criança o contato com histórias e com material escrito. Para que antes de ler a criança tenha contato com o universo da leitura, seja ao escutar os adultos contando fatos corriqueiros do dia-a-dia ou ao escutar histórias infantis contadas (SILVA, 2006, p. 2-3).

A tradição da narrativa através da oralidade é uma prática antiga, que se mantém até os dias atuais, costume mantido por várias famílias, através de relatos reais como os contos gauchescos como é chamada no Sul do Brasil. A família se reunia para ouvir e contar histórias. A tradição da oralidade está perdendo espaço na sociedade, porque as novas tecnologias influenciam as novas gerações com atrativos cada vez mais modernos.

Na atual sociedade da tecnologia, as crianças se divertem através de videogames, tablet, DVDs, televisão e computadores, e outros atrativos de última geração. Cada indivíduo da família fica em algum cômodo da casa, assim acabou-se por perder importante tradição da oralidade. De acordo com Michels (2006, p. 15) “Vivemos em um novo milênio e cada vez mais percebemos em escolas e famílias, as amarras da tecnologia, que cada dia acabam por individualizar as crianças e adultos”. Isso evidencia a importância de resgatar a prática de contar histórias, trazer esse convívio à sociedade, pois a mesma proporciona cultura e lazer.

Sendo o bibliotecário o profissional responsável pela biblioteca escolar, dinamizar a mesma é sua função, com ações que desenvolvam atividades lúdicas, entre outras a contação

de histórias, ou se o mesmo achar que não tem habilidade para realiza-las deve contratar profissionais capacitados, para atender as necessidades do público escolar.

Com as abordagens, nas fontes consultadas, sejam elas em meio eletrônico ou em documentos, foi possível constatar em um primeiro momento, que a contação de história e/ou hora do conto é uma relevante técnica, não apenas como momento de lazer, mas principalmente no desenvolvimento pedagógico, intelecto, oralidade, escrita, vocabulário e criticidade da criança. Confirma Oliveira (2010, P. 25), “A hora do conto pode ser um valioso recurso pedagógico, pois entre outros benefícios ela propicia momentos de contato com o mundo mágico da literatura com uma ponte para o letramento e alfabetização, ou seja, a escrita”.

A contação de história é realizada desde os tempos primórdios, como foi possível constatar até o presente momento. Já a hora do conto é uma técnica que o professor de Ensino Fundamental, utiliza até a 4ª série. Momentos de lazer que auxiliam no processo pedagógico escolar, mas como o nome já diz “hora” é um tempo cronometrado para realizar a leitura de uma história, e “conto” uma história curta de acordo com (COSTA, 2012).

Foi possível constatar, em um primeiro momento, que publicações são em maior número nas áreas da educação, ou seja, Pedagogia, Letras e Psicologia em relação à Ciência da informação. Além disso, na busca pelos termos de “contação de história” e “hora do conto”, a abordagem foi maior por contação de história.

Em relação à formação dos contadores de histórias, a literatura até o presente momento não se refere à temática. Se os mesmos tiveram influência em sua vivência acadêmica, a partir de práticas voluntárias na sociedade, gosto pela leitura ou através de oficinas é uma lacuna que ainda precisa ser preenchida.

De acordo com o que se recuperou na Base de Dados Referencial de Artigos e Periódicos em Ciência da Informação (BRAPCI) pelos termos de contação de história e hora do conto abordagem foi maior sobre a importância do narrador de história. O contador de histórias resgata a tradição oral e ao mesmo tempo instiga a imaginação do ouvinte. A mensagem é auditiva e não visual. Contar histórias é uma arte que fascina crianças e adultos.

Na base de dados da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD), foram recuperados documentos que discorrem sobre relevância de se estimular o gosto pela leitura, através da narrativa oral. De acordo com Grandí (1989, p.102),

[...] através das histórias contadas, desenvolve a imaginação, recreia, sensibiliza, educa, libera tensões emocionais, desperta a curiosidade intelectual, atende necessidades psicológicas, enriquece a comunicação verbal, disciplina a atuação (bom ouvinte), desenvolve o pensamento lógico e crítico, promove sentimentos de

compreensão, de simpatia humana, encontro com o outro, com o mundo que cerca a criança e consigo mesmo.

E também para Torres e Tettamanzy (2008, p.3), “conteúdo programático, assim podendo aumentar o interesse pela aula ou permitir autoidentificação, favorecendo a compreensão de situações desagradáveis e ajudando a resolver conflitos”. É uma ferramenta que o professor utiliza, para melhor desenvolver a temática a qual esta sendo ministrada para o aluno, facilitando a compreensão através da literatura.

Assim como, nas bases de dados já vistas, o Google Acadêmico, em seus artigos recuperados, também discorre sobre a relevância da técnica de contação de história. Como fator decisivo da formação intelectual da criança e no processo do ensino aprendizagem, confirma Mainardes (2008, p.3-6) “desenvolvimento da imaginação, à capacidade de ouvir o outro e de se expressar, à construção de identidade e aos cuidados afetivos”. Além disso, o autor discorre sobre a questão de que alguns professores não utilizam a técnica pelo não conhecimento de sua eficiência pedagógica. Empregando outros métodos de ensino como “provas, testes, questionários, interpretações de textos, por outro, despreza a contação de histórias como ferramenta valiosa no estímulo à leitura e à escrita”. Isso ocorre porque a contação de história foge ao padrão das avaliações escolares.

No Repositório Digital LUME, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, recuperou-se artigos que abordam a temática, sendo os mesmos da área de Biblioteconomia e da área da educação.

As publicações abordam algumas técnicas necessárias para a realização da contação de história e/ou hora do conto as quais podem ser desenvolvidas em bibliotecas escolares, públicas ou em locais onde será realizada a atividade. Para Caldin (2002, p.6), o iniciar e terminar com palavras que estimulem a imaginação do ouvinte como: “*Era uma vez...*; e deve acabar com um refrão que indica o retorno à realidade: *E assim acabou a história. Entrou por uma porta, saiu por outra. Quem quiser que conte outra*” e, desse modo, estimula a curiosidade e a atenção da criança em relação à história.

O contador de história utiliza o corpo como parte da narrativa para expressar sentimentos do personagem o qual está sendo narrado. Confirma Busatto (2006, p.32) que “o contador de história transforma seu corpo em cenário de ação, traz o texto impresso na pele, cria corporalmente (enquanto narra) imagens dos espaços por onde a história desliza”. E para Fleck (2009, p.35), “alguns contadores utilizam objetos, outros preparam cenários e figurinos sofisticados, enquanto há aqueles que empregam somente a sua própria voz com grande maestria”.

A maioria dos autores descreve que durante a narrativa devem-se mostrar as imagens da história como recurso, para que o ouvinte tenha melhor entendimento da história ao visualizar a apresentação gráfica.

A entonação de voz é importante ferramenta do narrador para melhor desenvolver a atividade. De acordo com Bittencourt (2010, p. 22), “Modular a voz conforme acontecimentos narrados (ora mais baixa, ora mais alta, ora mais depressa, ora mais devagar), assim como a expressão corporal e fisionômica”. A participação dos ouvintes na narrativa é mais um recurso que pode ser utilizado, confirma Bittencourt (2010, p. 24): “durante a narração pode ocorrer de diferentes formas tais como palmas, expressões faciais, gestos e pela voz”. O contador pode não dispor de outros recursos além de sua voz; por isso se faz necessário todo cuidado no momento da narrativa, para que o ouvinte seja surpreendido a cada fato narrado.

Outro relevante recurso na técnica de contar histórias é a onomatopeia, abordada pela contadora de história Costa (2002, p.3): “artifício de grande efeito, especialmente para crianças pequenas é o emprego de sons onomatopeicos, isto é, a imitação das vozes de animais e sons em geral (au-au, miau, tique-taque, toc-toc). O uso destes sons proporciona verdadeiro encantamento nas crianças”, para melhor descrever a cena da história a qual esta sendo narrada.

Em pesquisa realizada na base de dados da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações, recuperou-se uma dissertação de mestrado, a qual tem como, abordagem a profissão de contador de histórias remunerado de acordo com Fleck (2009, p.12) “como o contador de histórias atua e orienta a sua prática [...] a contação de histórias como profissão”. Percebe-se que há uma demanda no mercado de trabalho, e com isso, a necessidade, da regulamentação da profissão de Contador de histórias, assunto abordado na dissertação o qual se diferenciou dos demais.

A partir da leitura desses textos, podemos observar vários aspectos que influenciam na contação de história, primeiramente a relevância do trabalho do contador de histórias, este possui o conhecimento dos benefícios da leitura, através da oralidade.

A literatura especializada e de qualidade, como benefício no desenvolvimento psicológico e no processo pedagógico da criança, ou seja, a conquista da linguagem oral e escrita é considerada primordial em uma educação de qualidade, para a formação integral do aluno como cidadão.

A seguir, apresentamos os procedimentos metodológicos da pesquisa.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa tem abordagem qualitativa que, de acordo com Appolinário (2006, p.61), “coleta dos dados a partir de interações sociais do pesquisador com fenômeno pesquisado”. De caráter descritivo, pois descreve os fatos sem intromissão do pesquisador (APPOLINÁRIO, 2006, P.62).

A pesquisa abrangeu duas grandes etapas: a de revisão de literatura na qual se procurou identificar a produção bibliográfica sobre a contação de histórias e/ou hora do conto em bases de dados. As bases de dados pesquisadas foram: Base de Dados Referencial de Artigos e Periódicos em Ciência da Informação (BRAPCI), Repositório Digital LUME Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da Universidade e Google Acadêmico.

As palavras chaves utilizadas na busca da pesquisa, foram “hora do conto” ou “contação de história”. A tabela aponta o número de documentos recuperados nas bases de dados:

Quadro 1: Bases de dados pesquisadas

Ano: 2012	Contação de história		Hora do Conto	
	Total	Relevante	Total	Relevante
LUME	29508	7	13381	2
Google Acadêmico	813	13	1250	8
BDTD	45	6	9	4
BRAPCI	3	2	6	4
		Total 28		Total 18

Fonte: Elaborado pela autora.

A orientadora da pesquisa ao saber de meu interesse pelo tema de contação de história indicou entrar em contato com a Bibliotecária Rosaria Costa. Pois a mesma é contadora de história profissional, após contato ela enviou-me material bibliográfico e o *link* da *Red Internacional de Cuentacuentos - RIC*, da qual faz parte. Após acessar o *site* percebi a relevância do trabalho dos contadores, e em conversa com minha orientadora, resolvemos entrevistar os membros da Rede no Brasil.

Na página da *Web* encontrou-se o currículo de cada membro da *Red* e o e-mail, e dessa forma enviou-se o questionário a cada contador de história.

O universo da pesquisa é de 131 membros da *Red Internacional de Cuentacuentos*⁵ no Brasil o qual foi enviado via correio eletrônico contendo doze perguntas abertas, cujo, a data da emissão ocorreu no dia 19/11/2012.

O instrumento utilizado na pesquisa foi um questionário (APÊNDICE A) organizado no e-mail do gmail, cujo, a ferramenta é Disco, enviado posteriormente por e-mail, a os entrevistados, apresentava um conjunto de questões a cerca do conceito de contação de história e/ou hora do conto; os benefícios da contação de história; o público específico para contar história; os métodos que utilizam para realizar a atividade; o critério de seleção do material a realizar a atividade; as dificuldades durante a prática de contar histórias; como conheceu *Red Internacional de Cuentacuentos* e aderiu a ela; como se deu a formação como contador de histórias; a contação de histórias em bibliotecas escolares e públicas; a relação da Biblioteconomia com a contação de história; e quais as bibliografias utilizadas na formação de contador de histórias. Essas foram às questões enviadas aos contadores de histórias profissionais.

Para melhor identificar cada entrevistado, foi lhes atribuída uma identificação “C” de contador de história e, para diferenciar um dos outros utilizou-se numeral de um a doze, com intuito de manter a identidade em sigilo.

Os questionários foram analisados através de análise de conteúdos. São procedimento de análise que “têm por finalidade básica a busca significado de materiais textuais [...] seja transcrição de entrevistas realizadas com sujeitos, individual ou coletivamente” (APPOLINÁRIO, 2006, p.161).

Durante o texto que se segue, estarei alternando “contação de história e/ou hora do conto”, “narrativa oral”.

A receptividade em relação aos entrevistados foi de gentileza, pois em minha percepção as respostas foram claras e objetivas, o que facilitou a análise dos dados.

As dificuldades enfrentadas durante a análise dos dados foram algumas questões tendo como respostas semelhantes, isso proporcionou momentos de dúvidas na organização das mesmas.

Espera-se que a presente pesquisa possa corroborar para o fomento a leitura, através do compartilhamento das experiências de profissionais que atuam na contação de histórias. Registrar informações relevantes aos profissionais da área de Biblioteconomia como de outras áreas.

⁵ Disponível em: <<http://www.cuentacuentos.eu/narradores/paises/narrabrasil.htm>>. Acesso em: 15 jan. 2013

3 NARRATIVAS SOBRE A FORMAÇÃO E O DESENVOLVIMENTO DE ATIVIDADES DE CONTADORES DE HISTÓRIAS PROFISSIONAIS: RESULTADOS E DISCUSSÕES

Após realizar um levantamento das respostas obtidas através dos questionários, passou-se a analisar as respostas de cada sujeito, estabelecendo-se aproximação e diferenças existentes.

Dos doze entrevistados que responderam o questionário onze são mulheres e um homem. Em relação à procedência dos entrevistados, três residem na Grande São Paulo, dois em Santa Catarina, dois no Rio de Janeiro, três no Rio Grande do Sul, um em Minas Gerais e um no Mato Grosso.

Para melhor esclarecer a formação profissional dos entrevistados, cito a formação de cada um além de se intitularem contadores de história: três possuem graduação em Biblioteconomia, dois em Pedagogia, dois em Letras, um em Fonoaudiologia, um em Teatro, um em Arte Educação e um é Designer Gráfico.

3.1 O conceito de Contação de histórias

A partir da análise dos dados realizada com os entrevistados, foi possível observar diferentes conceitos, em relação à contação de histórias, que vai desde um momento mágico até uma ferramenta capaz de formar cidadãos críticos.

Contar história na opinião dos entrevistados possui como definição um momento lúdico, através da imaginação, fantasia e, além disso, como recurso pedagógico. Confirma as declarações a seguir:

“um momento mágico, de troca entre muitas pessoas e num mesmo momento” (C1).

“um passo uma abertura para fantasia e o contador cria está expectativa de transportar para o mundo da fantasia” (C7).

”momento lúdico” (C10).

“A contação de história é um recurso pedagógico que contribui para o incentivo à leitura, onde a criança começa desde cedo à convivência com os livros sabendo que os mesmos proporcionam alegria, fantasia e muitas descobertas, sendo esta uma atividade lúdica que favorece a aprendizagem, permitindo à criança adentrar em um mundo de possibilidades” (C3).

A literatura confirma a opinião dos entrevistados; segundo Mainardes (2008, p. 50), “A contação de histórias é um momento mágico que envolve a todos que estão nesse momento de fantasia”. Deste modo, a narrativa proporciona momentos de interação entre o

personagem e o ouvinte, e assim conduzir o ouvinte a adentrar no mundo de possibilidades da literatura.

Além disso, a relevância de incentivar a criança ao hábito de leitura, desde a mais tenra idade, uma vez que a mesma enriquece o “vocabulário, estimula o imaginário, o raciocínio e a percepção individual, auxiliando assim no processo de crescimento cultural de cada um” (DIAS e DUTRA, 2002, p.3). Isso confirma que contar histórias é uma ferramenta relevante no processo de ensino aprendizagem de crianças, jovens e adultos.

O contador de história C2 define contação de história “*como um trabalho não apenas de formação de leitores, mas de formação de pessoas de cidadãos, de Humanidades, de forma lúdica, prazerosa e leve*”. Essa fala comprova que o entrevistado conceitua a contação de história como um trabalho de formação de pessoas, mas através do lúdico de forma descontraída e criativa.

O entrevistado C8, define que contação de história é “*trazer para esse tempo onde já não se tem mais o hábito de sentar com a família para conversar, para contar os “causos” que se viveu, ou que ouviu alguém contar*”. O profissional conceitua a contação de história como um momento de resgatar o convívio entre as pessoas, pois em função das novas tecnologias perdeu-se a tradição de se contar história, ou seja, mudaram os tempos, mudam os costumes.

Busatto, em sua obra **A arte de contar histórias no século XXI** (2006), discorre que nesse contexto de individualismo, a arte de contar história surge, para a recuperação da oralidade; através de rodas de leitura trocam-se ideias, tornam-se mais humana; integradas e solidárias, ressurgindo na oralidade a prática de contar história.

Os entrevistados (C4, C9 e C11) definem a contação de história como arte da oralidade, capaz de encantar através de conhecimentos transmitidos de geração para gerações. Conforme o relato a seguir:

Podemos considerar a contação de histórias uma arte que através de milhares de anos, os contadores de histórias continuam encantando as pessoas através das palavras compostas de sabedoria, cultura e costumes de um povo. Por se tratar de uma das formas mais primitivas de comunicação e por falar diretamente ao coração dos seres humanos, ela ainda permanece viva e acreditamos que essa essência estará presente em qualquer atividade que promova a sua perpetuação. Independente da nomenclatura ou classificação, a arte de narrar histórias alimenta a alma dos seres humanos (C9).

Essa fala permite entender que os entrevistados consideram a arte de contar como uma comunicação entre pessoas, repleta de sabedoria e sentimentos.

Conclui-se que os entrevistados possuem diferentes opiniões, para contação de histórias definem como: “fantasia”, “momento mágico” e “lúdico”. Isso justifica que há uma interação entre o narrador e a história de sensibilidade.

Michels (2006, p.16), afirma que “As histórias estimulam a leitura, a imaginação e os sonhos, como arte e prazer. É ouvindo história que vivemos emoções, entendemos melhor a vida e podemos lidar com questões de sentimentos mais facilmente”. Isso evidencia a eficácia da narrativa, como lazer, cultura e prática pedagógica, todos são beneficiados, tanto quem ouve como quem conta. Percebe-se uma particularidade em cada entrevistado em conceituar a contação de história de acordo com sua percepção profissional.

3.1.1 Semelhanças ou diferenças em relação à hora do conto e contação de histórias

Ao serem questionados sobre as diferenças ou semelhanças, entre hora do conto e contação de histórias, a maioria colaborou da mesma opinião, que hora do conto e contação de história são atividades diferentes, e dentre as manifestações à hora do conto foi considerada como uma prática planejada com hora marcada, ou seja, um encontro marcado, sendo possível planejar o seu conteúdo com histórias temáticas e, desse modo, fazer a leitura da história utilizando o livro como suporte.

Enquanto a contação de histórias pode ser preparada ou não, ou seja, pode acontecer a qualquer momento sem um planejamento.

O profissional C2 enaltece a atividade de contar histórias e explica, em sua opinião, o significado de hora do conto. Como esclarece o fragmento a seguir:

Hora do Conto é para mim algo mais descompromissado, o foco das atenções é o Contador, que geralmente se fantasia, se enfeita, traz uma série exagerada de traquitanas, instrumentos, e precisa da participação entusiasmada e não raro barulhenta da plateia para contar uma história (muitas vezes disfarçando sua pouca habilidade e preparo e muitas vezes a baixa qualidade da estória). É uma atividade exclusivamente lúdica com a "intenção" de formar leitores, de promover/divulgar/vender livros ou pior ainda quando seguida de atividades "pedagógicas" relacionadas ao texto apresentado que acabam com qualquer encanto e tornam a atividade em algo chato, obrigatório e afasta os "possíveis" futuros leitores dos livros... Hoje em dia muita gente "pensa" que é Contador, mas é apenas um "leitor" de Histórias, um deturpador de conteúdos, um torturador de apaixonados pelos livros em potencial, se se voltam para os filmes e jogos, por serem muito mais interessantes.

Essa fala evidencia que para alguns há um diferencial entre o contador de história e o profissional que ministra a hora do conto. Contudo, a literatura estudada não aborda diferenças ou semelhanças entre as duas práticas. Foi possível observar que se referem às práticas, com a mesma finalidade de incentivo à leitura.

Os contadores de histórias (C3, C4, C5 e C9) divergem dos demais; esclarecem que não existe diferença entre hora do conto ou contação de histórias, apenas a nomenclatura, caracteriza-se como arte, seja através da leitura da história ou narrativa.

Confirma o entrevistado C4 que não vê diferença entre ambas as atividades, pois *“a hora do conto é uma contação. Quando conto histórias na Biblioteca da escola procuro trazer meus alunos para o universo dos personagens e mostro a eles que contar é uma arte, pois literatura e arte também”*.

E dessa maneira confirma com a teoria do que até o momento foi publicado, pois em sua monografia Teixeira (2004), tem como tema **O papel da contação de história como Biblioterapia**: a experiência do projeto “Histórias na creche”, do núcleo da hora do conto FABICO – UFRGS, na creche da Instituição Amigo Germano, em Porto Alegre RS. A mesma não faz distinção, pois foi possível constatar ao utilizar os dois termos na temática abordada, ou seja, aborda tanto contação de história como hora do conto como ferramenta terapêutica, a Biblioterapia.

Não é possível encontrar na literatura definições claras de ambos, é possível encontrar tanto contação de histórias como hora do conto com a mesma finalidade, incentivo à leitura e ferramenta para o ensino pedagógico. Através dos entrevistados foi possível averiguar a diferença ou semelhança entre os termos “hora do conto” e “contação de história”.

Assim sendo, tanto a contação de história como a hora do conto surgem como alternativa metodológica no processo educacional de forma lúdica e prazerosa. Confirma Andrade e Blattmann (s.d, s.p), a oralidade desenvolve o “hábito de ler como, também, contribui para despertar a valorização exata das coisas, ampliar suas potencialidades, estimular sua curiosidade, inquietar-se por tudo que é novo, ampliar seus horizontes e progredir”. Uma vez que a literatura infantil pode ser elencada como instrumento mediador do processo de humanização ao considerarmos a educação intencional proposta nas instituições educativas.

A partir da análise de cada entrevistado, constatou-se que há divergências de opiniões, pois alguns consideram práticas distintas, outros iguais, sendo o que diferencia é a nomenclatura. Penso que a contação de histórias e a hora do conto são ferramentas de estímulo à leitura, ao lazer, a cultura e desenvolvem a formação profissional e pessoal de cada indivíduo.

3.2 Os benefícios da arte de contar histórias

Diferentes abordagens são observadas no que se refere aos benefícios relacionados à arte de contar história; ao serem questionados, os contadores evidenciaram aspectos: emocionais, cognitivos e sociais.

3.2.1 Aspectos emocionais

Os contadores de história afirmam que durante a narrativa, a mesma proporciona momento em que é possível tornar claras nossas emoções: raiva, medo, tristeza, alegria, abandono. Com os sentimentos que desencadeiam dos textos. Conforme os relatos a seguir:

“como toda Arte é vital para o ser humano, para o seu desenvolvimento sadio, para seu equilíbrio emocional” (C2).

“ferramenta para o desenvolvimento da criança, permitindo que ela experimente através das histórias sensações: de medo, raiva, tristeza, alegria, suavidade, conforto, entre outras e as vivencie em sua fantasia, sem que necessite passar pelas mesmas situações na realidade” (C3).

“desenvolver a imaginação. Além dos benefícios terapêuticos que elas podem trazer para todas as idades” (C5).

“através de palavras e das metáforas quando usadas com maestria”. Quando conseguimos trazer brilho ao olhar do ouvinte acessamos o que existe de mais bonito no ser humano, a esperança e o encantamento (C10).

[...] visualizar o seu próprio lobo-mau, vestir a princesa, enfim construir o seu próprio castelo e assim descobrir as dificuldades e conflitos do mundo e a busca de soluções através dos problemas que vão sendo enfrentados (C12).

Evidencia-se nas falas dos entrevistados o aspecto emocional que a literatura proporciona sensações através da narrativa, confirma Bettelheim (2002, p. 5). Uma literatura especializada tem a função de “enriquecer sua vida, deve estimular-lhe a imaginação: ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas emoções; estar harmonizada com suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades e, ao mesmo tempo, sugerir soluções”. Isso demonstra a eficácia da literatura no aspecto emocional de cada indivíduo, como ferramenta utilizada pelos contadores de história, colaborando no desenvolvimento pessoal.

O entrevistado C11 explica que os aspectos emocionais da narrativa vão além de quem ouve, também favorece quem conta.

A arte de contar histórias beneficia a todos: os que contam e os que ouvem. As histórias abrem os horizontes, proporcionam experimentar novas emoções e sentimentos, ajudam a resolver problemas, divertem, fazem rir, fazem pensar, fazem imaginar. Podem até curar ou acelerar o processo de cura amenizando sofrimentos de quem as ouve. Contar histórias é ato de amor. Demonstra atenção, afeto, carinho. Beneficia quem conta porque faz bem fazer o bem [...]. O faz mais criativo, sensível, atento. As histórias que escolhe para contar também o afetam na experimentação de novos sentimentos, sensações e saberes (C11).

A narrativa é um “fio condutor” da imaginação, do lúdico, da criatividade, permitindo a todos que dela se utilizam adentrar em um mundo de possibilidades, ouvindo histórias onde se tem a possibilidade de sentir emoções. Confirma Teixeira: as histórias nos permitem sentir sensações como (2004, p.34) “[...] tristeza, raiva, a irritação, o bem-estar, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade e tantas outras no contato e vivência profundos da narrativa. Ouvir, sentir, enxergar com os olhos do imaginário, trabalhando conflitos da vida”. (TEIXEIRA, 2004, p.34).

Ao analisar esses depoimentos, percebemos a relação com a teoria, pois a contação de história é ferramenta relevante no aspecto emocional de cada indivíduo. A fantasia é própria da infância, através dela podem-se identificar angústias e encontrar soluções para os problemas.

Bettelheim, em sua obra **A psicanálise dos contos de fadas** (2007), discorre a respeito de como os contos de fadas podem contribuir na formação de cada criança. Pois é uma das narrativas com maior capacidade de fazer crescer as mesmas, onde estão envolvidas em extrema complexidade do ponto de vista de suas mensagens. Portanto, através das histórias contadas é possível investigar problemas de ordem psicológica, tanto em crianças como em adultos, e uma vez constatado utilizar-se da literatura como ferramenta no tratamento da cura, favorecendo a autoestima de cada criança e adultos.

Além dos aspectos emocionais citados anteriormente os entrevistados mencionam a biblioterapia como relevante recurso utilizado no processo terapêutico de cura emocional tanto de adultos como de crianças. De acordo com Ferreira (2003, p. 36), biblioterapia é “um termo derivado das palavras latinas para livros e tratamento. Biblio é a raiz etimológica de palavras usadas para designar todo tipo de material bibliográfico ou de leitura, e terapia significa cura ou restabelecimento”, método citado pelos entrevistados (C7 e C5) como benefício da arte de contar história. Porém, a pesquisa não se aprofundou no assunto, para melhor esclarecer sua metodologia e eficácia.

3.2.2 Aspectos cognitivos

No que se refere aos aspectos cognitivos, ou seja, como se adquire conhecimento, confirmam os entrevistados na capacidade crítica de cada ser humano através da contação de história.

“A contação de histórias transforma o ser humano; nesses momentos podemos refletir avaliar e mudar... as crianças constroem sua visão e seu entendimento de mundo... Tornam-se mais humanos” (C1).

“aumenta o vocabulário, estimula o conhecimento, incentiva a leitura, desenvolve o raciocínio lógico, a escuta e a concentração” (C5).

“trabalhar o ouvir o imaginar e com está ferramenta faz com que amplie sua opção de escolha e faz cada vez mais crescer como ser criativo” (C6).

“quantas coisas importantes esta arte trás de benefícios, desde a educação até a humanização” (C7).

“benefícios para quem ouve são imensuráveis e para quem conta essa dimensão se multiplica” (C9).

As falas dos entrevistados demonstram como a técnica de contar história proporciona o desenvolvimento cognitivo da criança.

A Literatura vai ao encontro ao que foi dito pelos entrevistados, no que se refere ao aspecto cognitivo da contação de história. Adquirir conhecimento faz parte do processo de formação de cada indivíduo. A partir da narrativa oral e da leitura proporciona-se a assimilação da realidade do texto escrito em uma forma de entender o mundo.

Compreender as funções da linguagem nas formas oral e escrita é de fundamental importância para entendermos como a criança, na fase inicial de seu processo de desenvolvimento cultural, faz uso destas linguagens no processo em que se insere no contexto social e se apropria de conhecimentos capazes de elevar o nível de humanização, a partir da apropriação de capacidades especificamente humanas tais como falar, escutar, ler e escrever (FLECK, 2009, p.3).

Conclui-se que os benefícios cognitivos são evidenciados pela literatura investigada, como pelos entrevistados, contribuiu para o entendimento. Pois se compreende que na formação de cada indivíduo o conhecimento gera uma visão de vida mais abrangente, fator determinante na [...] “construção da identidade, tendo em vista o seu caráter maleável e mutante. A princípio, cada um pode ser o que quiser, ou ao menos, pode acreditar ser o que quiser. Essa visão amplia radicalmente as possibilidades do indivíduo de se autodefinir” (FLECK, 2009, p. 29).

3.2.3 Aspectos sociais

Em relação aos aspectos sociais, os entrevistados declaram que a contação de história é relevante, mas é indispensável uma formação de qualidade, ou seja, qualidade na educação, na formação de cidadãos, é o que aborda o entrevistado.

[...] preparo social (aprender a ouvir o outro que fala, sem interromper é um desafio! Saber compartilhar de um tempo e espaço comum onde cada um deve aprender a não ultrapassar limites - físicos, temporais, de formação pessoal, de

respeito, etc.. Todo Educador (sejam professores, pais, terapeutas, bibliotecários, etc.) deveria se preparar como Contador. Toda a formação antiga era feita oralmente e através de Histórias, Parábolas, Lendas, Causos... e tinha pessoas melhor educadas. Hoje apesar de chamarmos de Educação o que se oferece é uma instrução de baixa qualidade - ainda nas instituições de ensino particulares. Não existe um real interesse/preocupação com a formação da pessoa (que são os alunos, os professores, os funcionários da instituição, os profissionais de todas as áreas, os terapeutas, os pais....as pessoas em geral). O foco atual é \$\$\$, é conseguir um diploma que diga que você é capaz de...mas será que todos os que recebem os diplomas são realmente capazes de... são comprometidos com a sua formação e com os serviços que dela advém ??? Se assim fosse as prefeituras não necessitariam dar tanta formação continuada (o que aliás deveria ser uma busca de cada profissional, de forma individual, particular...) por saberem da situação...(C3)

A declaração relata uma preocupação do contador de história na formação pessoal de cada indivíduo; como as instituições de ensino estão preparando e formando novos profissionais:

“vivencia da diversidade cultural” (C5).

“é preservar a oralidade. Relembrar o tempo em que se reuniam adultos e crianças na varanda, ou frente ao fogão à lenha para ouvir e viajar nas palavras que descreviam contos, fábulas e causos” (C8).

“globalização e o cotidiano tolhem e banalizam tudo, mostram todas as imagens prontas não sobra espaço para fluir a imaginação” (C10).

Essas falas demonstram a preocupação dos entrevistados em preservar a oralidade, sendo que na atualidade está um pouco esquecida em função **do uso de novas tecnologias**. Confirma Michels (2006, p. 15): “O lúdico e o imaginário estão sendo esquecidos e trocados por jogos eletrônicos, muitas vezes com excesso de agressividade, o que na realidade ocasiona a falta de diálogo das crianças com os pais ou pessoas de seu convívio”. Isso prova a importância dos profissionais da educação em resgatar a oralidade, relevante técnica que auxilia na formação de cada indivíduo o que reflete em seu convívio social.

A partir da análise da resposta de cada entrevistado, observou-se que há uma preocupação com a formação pessoal. A literatura cumpre seu papel de instruir o cidadão com novos saberes, mas para que essa ferramenta seja utilizada com eficácia é relevante uma qualificação profissional. Confirma Farias e Vitorino (2009, p. 13); “A capacitação deve ser algo constante, pois sempre existe algo a acrescentar, a aprender”. Estar atualizado, buscar novos conhecimentos é fundamental; dessa forma, o profissional colabora na formação de cada indivíduo, e o mesmo desempenha seu papel perante a sociedade.

3.3 Locais e público alvo para contação de histórias

Ao analisar se os contadores de histórias possuem um público específico, constatou-se que a maioria não possui. Dessa forma, eles informaram que, sempre que solicitados, realizam

a atividade, seja para crianças, adolescentes, adultos ou idosos. Conforme os depoimentos transcritos a seguir:

“Eventos literários em escolas e municípios (feiras do livro, semanas literárias, encontros literários) com crianças, jovens e adultos...” (C1).

“trabalho com crianças, jovens, adultos e idosos. As contações que realizamos são em diversos espaços: escolas, bibliotecas, feiras, seminários, reuniões, hospitais, escolas de Educação Especial e entre outros. No momento, o público que mais atendemos são os alunos das Escolas da rede pública e particular” (C4).

“conto pra crianças em festas em escolas, faço roda de histórias com adolescentes para filosofar, bibliotecas, livrarias, praças, para adultos em empresas, instituições, universidades, ONGS, feiras” (C7).

“independente da idade, situação financeira, espaço, cidade, Estado e até mesmo entre Países” (C9).

“conto histórias para pessoas de zero a cem anos” (C12).

“Conto em diversos lugares: eventos em escolas e livrarias, feiras do livro, festivais de contadores, empresas” (C5).

“Eu trabalho tanto em bibliotecas públicas e escolares, conto em evento (incluindo até mesmo festas de aniversário, apesar de especialistas repudiarem a prática), claro que cada espaço requer técnicas e posturas diferentes” (C8).

“Apresento-me em Feiras de Livros em escolas, SESC, Centros culturais, festas de aniversário e casamento”. Sou também voluntária da Associação Viva e Deixe Viver e conto histórias no Hospital Cruz Azul para crianças hospitalizadas (C11).

Nas declarações transcritas os profissionais expressam que contar histórias não tem um público específico, onde houver possibilidade a prática acontece.

Os locais são os mais variados possíveis: feiras, eventos, semanas literárias, livrarias, saraus literários, escolas, bibliotecas, escolas de educação especial, festivais de contadores, instituições privadas, praças, teatros e universidades, casamentos e aniversários. Confirma a literatura "o espaço onde as histórias vão acontecer será sempre aquele que estiver disposto a recebê-las" (BUSATTO, 2006, p. 119).

Conto Histórias em aniversários (até de uma senhora que completava 80 anos!), espaços públicos, livrarias, eventos, nos meus cursos online de formação e aperfeiçoamento na Arte de Encantar Histórias. Em saraus que fazemos para amigos, alunos e clientes. Fazemos também Oficinas para crianças e adultos onde a partir de uma história preparamos uma técnica (teatro de sombras, teatro de bonecos, origamis, etc...) (C2).

O profissional C3 utiliza a internet para realizar a atividade de contar história, ministra cursos online de formação e aperfeiçoamento. Isso comprova a diversidade de locais que os entrevistados utilizam para a contação de histórias.

O entrevistado C10 diferencia-se dos demais, pois possui público e local específico uma “ONG como voluntária- dia e hora pré-definidos, crianças de 4 a 10 anos e adultos no

sábado à noite”. Então meu público não é específico visto que até mesmo a caminho da praia em Trancoso se houver pessoas... eu conto”

A partir da análise dos dados observou-se que os contadores de história não têm preferência por um público específico. A arte de contar história pode ser realizada independente de idade e local, pois são os mais variados possíveis, como se constatou a partir do relato de cada entrevistado.

Conclui-se que há diferentes possibilidades de ministrar a atividade de contação de história. Isso permite entender que o profissional bibliotecário pode-se utilizar da prática de contar história e promover atividades junto à comunidade, aproximando alunos, educadores e pais e, dessa forma, demonstrar a relevância da leitura a todos através da prática de contar histórias.

Em minha opinião, o que chamou a atenção foi o contador que ministra oficina de contação de história *online*, e em eventos como aniversários e casamentos, possibilidades até então não encontrada na literatura abordada.

3.4 Métodos utilizados para realizar a contação de histórias

A quarta questão buscou identificar os métodos que os entrevistados utilizam, para realizar a atividade de contação de histórias.

Com base na análise de cada entrevistado compreende-se que a oralidade com a utilização de elementos mágicos ⁶ ou recursos visuais é comum a maioria dos entrevistados.

O entrevistado C1, relata que conta “*histórias com a boca e o coração, a história sai do meu coração, atravessa minha boca e entra na vida das pessoas*”. A fala evidencia a sensibilidade do entrevistado no momento de sua narrativa.

Outros recursos podem ser utilizados no momento da atividade, confirma o entrevistado C2, ou seja, depende do público para o qual será realizada a atividade. Podem-se utilizar recursos que enriqueçam a mesma como “*panos, lenços, recicláveis, instrumentos, origamis, teatro de sombras (negras ou coloridas), teatro de bonecos/objetos, Histórias que as mãos contam teatro Waldorf...*”.

Além disso, os profissionais afirmam que depende do contexto do evento na seleção da história e quais os recursos e/ou elementos mágicos irá utilizar, bem como: chapéus, vestimentas ou se caracterizar como personagem da história que será narrada.

⁶ São acessórios utilizados durante a contação de história como: chapéus, varinhas, perucas etc.

A entrevistada C11 menciona como se caracteriza para o momento de sua apresentação: *“Me visto como alguns personagens: Bruxa Onilda, Dona Benta, Fada, Rainha de Copas e Bruxarope. Conto histórias também com origami (dobradura de papel), utilizo tecidos, objetos, conto histórias dramatizadas pelos participantes”*.

A entrevistada C12 tem um estilo próprio utiliza alguns recursos como a anterior, mas vai mais além, ou seja, dando um toque pessoal a suas apresentações, onde possui material confeccionado por ela.

Comecei usando vestimenta neutra (preta ou branca), mas atualmente utilizo um vestido idealizado por mim nele tem figuras bordadas (bruxa, gato preto, castelo, borboleta, uma boneca). Quando vou ao encontro de crianças para contar histórias (em escola, biblioteca, feira de livro) levo os materiais que precisarei em uma sacola de pano colorida cheia de personagens pendurados. Algumas vezes utilizo objetos que remetem a história contada, que são retirados da sacola de histórias e são colocados ao meu lado; também às vezes utilizo uma capa e chapéu de bruxa. Em apresentação de palco utilizo música para minha entrada e no intervalo entre uma história e outra (C12).

Essa fala permite entender que a contação de história é de total liberdade de criação. O profissional permite-se utilizar de diferentes recursos no desenvolvimento de sua atividade.

A entrevistada C9 menciona que utiliza música durante sua apresentação, assim como o entrevistado C11, sendo relevante recurso, no momento em que a musicalidade auxilia na magia da história, criando um clima de alegria e descontração, tornando o momento mais interessante, convidativo ao prazer que a leitura proporciona.

[...] musicalidade poética e brincante que faz do meu estilo bem próprio de aproximação do público do compartilhar ao mesmo tempo em que eu os presenteio com palavras que saltam do meu coração, emanam da minha boca, adentram os ouvidos e repousam na memória do público.

Esse discurso demonstra a diversidade e particularidade de cada profissional em realizar a atividade de contar história, usando criatividade e sensibilidade,

Para o entrevistado C6, a forma de contar história evidencia por *“narrações com música, instrumentos musicais, fantoches”*. Já para o entrevistado C7, a música é imprescindível, pois ele menciona que *“Gosto de musicar as histórias, criar ritmos e compassos”*.

Ao analisar a respeito dos métodos utilizados pelos contadores, fica evidente que depende do contexto de cada apresentação e do estilo de cada profissional. É fundamental que o mesmo seja criativo, caracterizar-se de personagens da história que está sendo narrada, a musicalidade, elementos mágicos são recursos de que o profissional se apropria para tornar a oralidade mais interessante na sua percepção.

A entonação de voz, os movimentos articulados são determinantes para o êxito da narrativa oral.

[...] entonação da voz, pelos gestos e pela forma de conduzir à narrativa, condiciona o ouvinte ao entendimento do narrado. Em contrapartida, o texto oral é sempre aberto à participação do ouvinte porque essa é a essência da oralidade. O texto oral pode ser diferente a cada vez que for narrado, pois a recriação e a invenção fazem parte dele (Caldin, 2002 p. 4).

O entrevistado C3, se diferencia dos demais, pois afirma “não existir” um método para contar histórias: *“Existem recursos que em alguns momentos utilizamos, dependendo da história contada, do público alguns recursos como o próprio livro, fantoche, objetos, porém, na maioria das vezes a oralidade por si só constitui nosso trabalho”*.

Conclui-se que a narrativa tem uma particularidade de cada profissional. Este pode disponibilizar de recursos para enriquecer o momento da narrativa, mas também pode valer-se de sua principal ferramenta, a voz.

Através da entonação de voz, gestos articulados, escolha do tema e local são fatores essenciais ao o contador de histórias e, dessa forma, o mesmo instiga a imaginação do ouvinte: “[...] suspense; inflexão da voz; linguagem a ser usada; gestos; atenção dos ouvintes, escolha do tema; lugar da reunião e demais recursos para conseguir o clima adequado” (BLATTMANN, 1998, p.1).

Portanto, a partir da literatura estudada e dos entrevistados, entende-se que depende da visão e conhecimento de cada profissional escolher a melhor forma de realizar atividades de incentivo à leitura; mas é imprescindível o gosto pela leitura, confirma Cavalcanti (2009, p.72) que “a melhor técnica para narrar histórias de maneira sedutora, prazerosa e envolvente para a criança é, em primeiro lugar, ser um contador absolutamente apaixonado pelo mundo do “faz-de-conta”. Estar envolvido afetivamente é ponto fundamental”.

3.5 Material utilizados pelos contadores de histórias

Foram citados pelos contadores de história vários métodos e critérios, para selecionar o material a utilizar durante a contação de história.

O material a ser utilizado, tem como critério o público e o local. Ao saber para quem vai realizar a atividade, o profissional escolhe o tema da história, e também o uso de recursos visuais, como caracterizar-se de acordo com o personagem, ou apenas a voz durante a narrativa.

O contador de história C1 afirma que *“não existe critério” “às vezes um determinado objeto entra na história, assim de repente, para deixá-la mais viva (um pau de chuva, um*

chocalho... um lenço...) preciso sentir...”. Essa fala evidencia que não há uma metodologia, o profissional decide o que irá utilizar durante a narrativa, ou seja, não há um planejamento para realizar a atividade, na opinião do entrevistado.

Foi possível observar que os entrevistados (C3, C7 e C8) desenvolvem sua atividade a partir do público, ou seja, da faixa etária e local e, deste modo, utilizar recursos visuais de acordo com seu público. O entrevistado C2 cita como desenvolve sua prática de contar histórias.

O que está sendo pedido, para quem será narrada a Histórias, qual a situação (é aniversário, é evento, é oficina, etc...), qual a faixa etária para a qual a História está sendo contratada, onde será realizada a atividade e para quantas pessoas (num canto aconchegante, numa praça, num palco, etc...). E merece especial atenção em caso de aniversário - foi à criança que solicitou a histórias. Preocupou-me também com a ambientação- o criar o clima, a decoração do espaço, etc.

O entrevistado C3 pensa que não existe um padrão/fórmula para contar histórias; o que oportuniza são os recursos que em alguns momentos utiliza, “*dependendo da história contada, do público alguns recursos como o próprio livro, fantoche, objetos, porém, na maioria das vezes a oralidade por si só constitui nosso trabalho*”.

Já para o entrevistado C4 o método relevante é a qualidade da literatura, “*Livros bem escritos para crianças e às vezes trabalho por temas específicos, porém sempre em primeiro lugar a qualidade*”. Essa fala diferencia-se dos demais, pois há preocupação com a qualidade da literatura.

Os profissionais (C5, C6 e C9) apresentam a mesma opinião identificar-se com a história, para que a mesma possa fluir com naturalidade, ou seja, que beneficie tanto quem ouvem como quem conta.

A palavra que gosto muito de utilizar no momento da seleção dos materiais, tanto de pesquisa, como os recursos externos e as próprias histórias a serem selecionadas, são quase que de forma simbiótica. Em primeiro lugar tem que haver uma identificação entre narrador e conto narrado, para que se torne um momento prazeroso, lúdico e principalmente de muito encantamento para o próprio contador e o seu público. Contar histórias é sempre uma troca, entre ambos, onde as histórias são o elo de ligação entre nós, seres humanos (C9).

Ao escolher uma história busco ver qual o tema do evento (Halloween, Dia do amigo, Tema ou patrono da Feira do Livro, Semana do meio ambiente, Consciência negra, Dia da criança, Dia da Mulher, Páscoa, Natal, etc.) A idade do público-alvo também é levado em conta e o local onde vai ser realizada a contação de histórias. MAS O FATOR DETERMINANTE NA ESCOLHA É A PRÓPRIA HISTÓRIA, A HISTÓRIA TEM QUE ME CONQUISTAR PARA SER CONTADA POR MIM, É ELA QUE ME ESCOLHE (C12).

Nesta abordagem, os entrevistados confirmam que há critérios, para realizar a atividade de contação de história, mas o principal método é a identificação do narrador com a história a ser narrada; a empatia pela história é fator determinante para uma boa narrativa. Confirma a literatura “cada contador coloca na história um pouco de sua personalidade,

priorizando passagens que, de alguma forma, dialogam mais com seu íntimo” (TORRES e TETTAMANZY, 2008, p. 5).

O entrevistado C10 utiliza recursos, quando a *“contação de história necessita devido ao tema que se cuide de detalhes, sempre faço uma pesquisa de época relacionada a roupas, casas, costumes e palavras específicas regionais”*. Constatou-se que há uma preocupação de se organizar em um período anterior ao da apresentação.

A partir da análise de cada entrevistado, constatou-se que há uma metodologia na atividade de contação de história. Primeiro critério é saber qual o público e sua faixa etária; logo após o profissional escolhe a história a ser narrada.

Nesse momento, o contador decide como conduzir a atividade, utilizar recursos visuais ou a voz através de *“descrições cheias de detalhes, criar um clima de envolvimento e de encanto e, acima de tudo, usar todas as modalidades e possibilidade da voz – sussurrar, imitar os ruídos, as vozes dos animais, as inflexões que indicam suspense e clímax”* (CALDIN, 2002, p. 30).

Além disso, a partir da literatura, observou-se que é utilizada a literatura de contos de fadas *“a partir de narrativa simples, com livro, com a interferência e com recursos visuais”* (BITTENCOURT, 2010 p. 23). Isso vai ao encontro com o que foi abordado na entrevista com os contadores de histórias, que confirmam que a atividade é livre, depende da criatividade e sensibilidade de quem irá realizar. Além disso, percebeu-se a relevância da empatia com a história narrada.

3.6 Dificuldades para realizar a atividade de contar história

As dificuldades em ministrar a contação de história são várias. Na opinião dos entrevistados vão desde conversas paralelas que atrapalham a atividades até os que conseguem realizar sem qualquer problema.

“quando nesse espaço têm pessoas que não estão a fim de ouvir uma história sinto mais dificuldade em tocá-las” (C1).

“continuam falando alto, dando gargalhadas, sendo muito inadequados, nem percebendo/respeitando que aquele momento (e a festa toda!) é para a criança e seus convidados. Por isso não faço narrativas em bufês” (C2).

“percebemos que há resistência por parte de profissionais envolvidos na Educação. Penso que por sermos de uma geração de educação mais rígida temos receio de nos expor... contando histórias” (C3).

“Locais não adequados para a atividade: barulhentos, sem ventilação, com palco muito distante do público. E também pessoas (muitas vezes professores) conversando paralelamente à apresentação” (C4).

“as brincadeiras que concorrem com o evento. Qual história vai se encaixar para um evento. Pôr exemplo várias vezes tive que criar uma história, pois não havia nenhuma que pudesse atender ao pedido do meu contratante. Foi bom porque assim eu tenho minhas próprias histórias” (C7).

“espaço não é adequado, pois fica no meio das estantes de livros que os clientes ignorando a minha apresentação continuam escolhendo livros, passando na frente, falando alto, levando embora às crianças antes de terminada a história, as professoras ficam no fundo da classe “colocando a fofoca em dia” enquanto me apresento para os alunos” (C11).

Os profissionais afirmam que muitas são as dificuldades dos contadores em realizar a atividade de contação de história, principalmente as conversas paralelas às narrativas, e os locais não adequados à prática.

O entrevistado C6 afirma que a única dificuldade que enfrenta em relação a contar história é a *“Falta de apoio incentivo cultural”*. Isso evidencia a dificuldade que esses profissionais enfrentam, em relação a recursos financeiros, para melhor desenvolver sua prática, ou seja, a falta de incentivo por parte de instituições governamentais ou privadas.

Para o contador de histórias C12 a única dificuldade é não ter tempo para se dedicar a contação de histórias. Ele exerce sua atividade profissional em uma biblioteca pública, e não possui equipe suficiente para auxiliá-lo na realização das atividades. Por isso, a mesma afirma que *“só tenho contado histórias no Sarau Literário que a Biblioteca Pública realiza em datas específicas: Dia do contador de histórias, Dia do livro, Dia dos Namorados, Dia do Amigo, Halloween”*.

Os entrevistados (C4, C8, C9 e C10) compartilham da mesma opinião, não possuem dificuldade para realizar a atividade. Segue um dos relatos:

Inicialmente pensava que para se contar uma história só seria possível se fosse em uma ambiente silencioso, com poucas pessoas. Hoje, percebo que com a ajuda da tecnologia, microfones auriculares, é possível sim contar histórias em espaços abertos. Claro que nesses espaços abertos: praças, feiras literárias, etc. existe vários fatores que podem interferir no momento em que se está contando uma história, como por exemplo: pessoas conversando, barulho de carros, etc. Mas se o contador tem uma certa prática é possível realizar uma boa apresentação. Já o profissional que está iniciando é indicado que se comece em espaços mais adequados para o momento (C9).

Portanto observou-se que o que mais dificulta os profissionais no momento da narrativa é a conversa paralela à atividade. Citam os “professores” e as pessoas que não estão dispostas a ouvir, e o local não adequado à atividade. Isso mostra que nem todas as pessoas tem entendimento da relevância da prática de contar histórias. Por isso, é importante uma maior divulgação, seja nas escolas como na comunidade.

3.7 A Red Internacional de Cuentacuentos

Este tópico refere como os contadores conheceram a *Red Internacional de Cuentacuentos* e aderiram a ela.

“Conheci através de um amigo e contador de histórias. Entrei, gostei e me inscrevi. Divulgação do trabalho” (C1).

“encaminhamos nosso currículo para RED e fomos aprovados” (C3).

“Benita Prieto do e meu grupo de contadores de historias o Morandubeta” (C4).

“Benita Prieto, entrei no site preenchi os dados solicitei inscrição e após os organizadores avaliarem meus dados fui incluída. Não basta inscrever o curriculum, o contador de história precisa ser aprovado pelos organizadores da Rede” (C12).

Pode-se verificar, a partir das respostas, que a maioria teve conhecimento da Rede por indicação de alguém que já possuía conhecimento da mesma e, desse modo, acessaram o *site* e fizeram sua inscrição. Após análise do responsável, o mesmo é aceito ou não.

Os entrevistados (C6, C7 e C10) tiveram conhecimento através do Simpósio Internacional de Contação de Histórias que aconteceu no Rio de Janeiro através de participação em oficinas. O contador afirma C7: *“eu conheci no Simpósio Internacional do Rio de Janeiro em 2010. Conheci a Maria Beatriz que nos incentivou a conhecer a RED. Assim mandei meu currículo de contadora de histórias e hoje sou membro”*.

O contador de história C9 aborda que ser contador de histórias e estar em constante pesquisa e, desse modo, através de busca na internet obteve conhecimento da existência da Rede.

Nós profissionais da narração, sempre estamos em constante leitura e pesquisa de tudo que está relacionado ao gênero e também às outras artes em geral. Nesse processo de busca, encontrei via internet a Red Internacional Cuentacuentos, que estava postado um link na página do site Roda de Histórias, organizado pelo também contador de histórias Fabiano Moraes. Entrei no site, enviei as informações sobre meu trabalho e currículo, após avaliação, recebi o convite via e-mail, para fazer parte da Red.

Essa fala evidencia que o entrevistado teve a preocupação em pesquisar assuntos ligados à área de interesse.

O entrevistado C11 diferencia-se dos demais; recebeu o convite para ser membro da rede através de seu e-mail pessoal.

Através da análise dos dados, observou-se que os profissionais que já tinham interesse pela área, tiveram contato com outros profissionais e, através do *site*, é possível fazer a inscrição sem nenhum custo. Outros, na pesquisa na Rede Mundial de Computadores localizaram informações. Além disso, oficinas e simpósios são locais de divulgação de

instituições de incentivo à leitura a cultura e ao lazer. É relevante destacar que após a inscrição é feita uma análise criteriosa para aceitação ou não do novo membro da Red sem custo algum.

3.8 A formação dos contadores de histórias

A questão buscou identificar aspectos à história pessoal de cada entrevistado enquanto leitor até a profissão de contador de histórias. Segundo Schneid (2011, p.33), o contador “é um comunicador que adquiriu o dom de narrar influenciado pelo meio em que habita”.

A formação de cada profissional deu-se de formas variadas desde histórias contadas por pais ou parentes próximos até a graduação em oficinas.

O entrevistado C1 afirma que é professora há 16 anos e sempre contou história para seus alunos, “*depois disso tornei-me escritora e conto às histórias que escrevo. Até hoje participo de cursos, oficinas para aprimorar e atualizar meu trabalho*”.

A contadora de história explica que adquiriu o hábito da leitura na infância, através de familiares que contavam história. Isso contribui para sua formação pessoal e profissional, e tornou-se uma contadora de histórias.

Tenho 60 anos, sou terapeuta (fonoaudióloga), pedagoga com formação também em pedagogia Waldorf há 46 anos e outras coisinhas mais... Sou mãe, tia, tia-avó e quase avó! Desde sempre ouvi Histórias de minha bisavó, minha avó (enfermeira num hospital Infantil de Queimados, recreacionista, contadora também, entre outras coisinhas...). Cresci e me formei como pessoa com e a partir das Histórias. Como terapeuta e pedagoga sempre enriqueceram minhas práticas com as Histórias. Na Ped. Waldorf todo o ensino é feito através de Histórias, não tem livro didático. Não se conta uma História par preencher os 5 minutinhos finais....se conta Histórias o tempo todo ! Mas participei e participo de cursos e seminários para Contadores - assistindo e ministrando aulas - é sempre muito rico! (C3).

O colaborador C3 indicou que a sua formação foi através de cursos de longa e curta duração, ministrados principalmente pelo SESC e comenta que realiza muitas leituras sobre a temática e de estudos.

O profissional C4 opina que é contadora de história desde 1990, quando surgiu o grupo Morandubeta⁷ do qual faz parte.

O entrevistado explica que sua formação deu-se a partir da graduação no curso de Biblioteconomia, especificamente na disciplina de Biblioterapia que adquiriu o gosto por contar história. De acordo com o relato a seguir:

⁷ Grupo de contadores de histórias

Logo no início do curso de Biblioteconomia na UFSC, participei da disciplina de Biblioterapia. Estudávamos os fundamentos da terapia através dos livros e da leitura e aplicávamos no Hospital Universitário, lendo e contando histórias para as crianças da ala pediátrica. Gostei muito da experiência e a partir dali mergulhei fundo no mundo das histórias: participei de diversos cursos dentro e fora de Florianópolis, de rodas de histórias e de grupos de contadores... Essa prática foi ganhando espaço na minha vida e direcionou minhas escolhas também dentro do campo da Biblioteconomia: engatei um mestrado e pesquisei sobre a profissionalização do contador de histórias. A partir de então, vivo de contar histórias e partilhar minha experiência por meio de cursos e oficinas de formação para adultos e crianças! Para mim, a contação de histórias, mais do que um ofício, é uma forma de expressão no mundo (C5).

Desse modo, comprova-se através da fala do entrevistado que as opções que são ofertadas durante a graduação de oficinas e cursos, muitas vezes são determinantes na escolha da formação profissional do acadêmico.

O entrevistado C6 explica que sua formação foi a partir de contar história para seu filho e sobrinho. Fez uma oficina de contação de história com “*Maria Pompeu*⁸ e me apaixonei”.

O contador de história C7 relata que sua formação de contador de história foi primeiramente com dois anos de teatro, mas sem intenção de contar história. Isso só teria acontecido em 2004, quando descobriu que era o que gostaria de fazer na sua vida.

Entrei para um grupo de contadores de histórias voluntário e contava para crianças hospitalizadas. Interessei-me tanto pelo assunto que passei a pesquisar a arte e a psicanálise dos contos, estudei 6 anos de psicanálise e hoje faço filosofia, tudo em nome das histórias e pretendo abrir uma clínica de biblioterapia num futuro próximo.

A formação do contador C8 foi através do gosto pela leitura. Comenta que sempre gostou de ler; ir à biblioteca era um hábito, quando se tornou adulto procurou informações na internet e tornou-se um contador de história [...] *decidi dividir esse amor com outros, principalmente com as crianças. Assim procurei por informações na rede mesmo. Fiz um cursinho on-line, pela "Buzzero". Pesquisei por outros contadores que relatassem suas experiências [...].*

O entrevistado C9 afirma que após vinte anos como atriz no teatro Cia de Teatro, recebeu um convite da técnica de literatura do SESC, para participar de um curso de contação de histórias com o narrador José Mauro Brant⁹. Gostou e se tornou uma contadora profissional.

⁸ Profissional que ministra oficinas de contação de histórias.

Fiquei encantada pela arte de narrar e nunca mais parei de contar, estudar e pesquisar sobre o assunto. Já são nove anos, dedicados a profissão de narradora de histórias, com participação em Festivais, Encontros, Feiras Literárias. Idealizando projetos que foram aprovados pela Funarte, SEDUC, SEC, entre outros, todos realizados em Mato Grosso. Hoje faço dessa profissão a minha principal atividade.

O contador de história C10 opina que sua formação foi a partir da necessidade de contar história a seu pai, que ficou cego. A mesma discorre que a leitura foi ferramenta para amenizar o problema de saúde de seu pai que “*precisava ver pelas minhas palavras, o Curso de Pedagogia, Curso de Oratória, a observação de pessoas da terceira idade em seus momentos de nostalgia e o voluntariado em escolas*”.

A profissional C10 explica que sua profissão era de professora de artes, mas atuou durante um período na biblioteca da escola. E dessa maneira, começou a contar e criar histórias e tornar convidativo o hábito de ler aos alunos. Logo em seguida, foi convidada a contar história em outras escolas “*[...] eventos culturais e fui ganhando experiência. Fiz alguns cursos também e sempre que posso vou a livrarias e ventos para ouvir contadores de histórias. O trabalho voluntário no hospital também é uma grande escola para mim*”.

O entrevistado C12 descreve que sua formação foi durante sua graduação no curso de Biblioteconomia na Universidade Federal do Rio Grande. Relata sua experiência profissional:

Meu primeiro curso foi: Minicurso de Hora do Conto na Semana Acadêmica de Biblioteconomia da Furg no meu segundo ano do curso. A disciplina de Literatura me proporcionou um encontro maior com a Literatura infantil, sua história e formas de apresentá-la as crianças. Depois participei das oficinas de formação de contadores de histórias e mediadores de leitura realizada pelo PROLER em Porto Alegre, nos anos de 94 a 97. E também fui em busca de livros sobre o assunto. E a Feira do Livro que a FURG organiza no período de férias proporcionou a prática da contação de histórias e da relação de encantamento e prazer com a leitura.

Conclui-se que vários fatores contribuem para a formação do profissional, desde o gosto pela leitura na infância, como durante a profissão escolhida. As áreas de Pedagogia, letras, psicologia e Biblioteconomia utilizam a leitura como ferramenta de estudo. Fomentar a leitura é objetivo de todas as áreas do conhecimento, mas salientamos essas em especial, uma vez que, são as que realizam atividade de incentivo à leitura como a contação de história.

É importante salientar que, na tese de mestrado de Fleck (2009), **A profissionalização do contador de histórias contemporâneo**, há uma discussão sobre a regulamentação de tornar a atividade de contar história uma profissão remunerada. Pois atualmente há profissionais que possuem a contação de história como única fonte de renda, além daqueles,

que realizam pelo prazer da narrativa, do encontro com o leitor/ouvinte, discorre Fleck (2009, p.68).

“Embora todos possam contar histórias, parece haver uma diferenciação entre os que realizam essa atividade profissionalmente (vivem disso, são remunerados) e os que se utilizam da contação como um recurso para enriquecer a sua prática profissional (especialmente no espaço escolar). Para os respondentes, há também aqueles que querem contar histórias na família, ou voluntariamente, sem a expectativa de se tornarem profissionais”.

Constatou-se que há muitos caminhos para se tornar um contador de história, seja na infância através de incentivo à leitura, seja durante a graduação quando o aluno tem contato com oficinas, minicursos, simpósios, trabalho voluntário. Mas é fundamental ser um leitor, pesquisador e conhecedor da tradição da oralidade e dos recursos que ela oferece. Pois antes de ser um contador de histórias, é necessário ser apreciador da leitura e, dessa forma, incentivar os leitores/ouvintes através da prática de contar histórias.

3.9 A contação de histórias em bibliotecas escolares e públicas

Ao serem indagados sobre a contação de história em bibliotecas escolares e públicas, vários aspectos foram evidenciados, desde um profissional capacitado para realizar as atividades lúdicas ao um ambiente acolhedor.

O profissional C1 afirma que, para algumas pessoas, há uma visão de que a biblioteca escolar não tem um profissional qualificado para atender as necessidades de seus usuários, sendo a mesma apenas um depósito de livros.

Muitos têm o pensamento de que trabalha na biblioteca aquele "professor" adoentado, que já não pode atuar em sala de aula (isso é fato em nossas escolas...) um depósito não só de livros, mas de gente... ERRADO... Biblioteca precisa de gente, adoentada ou não, que mantenha o espaço vivo, acolhedor, atraente... Biblioteca é lugar de gente corajosa, apaixonados pelo que fazem a diferença na educação...

Essa fala evidencia que algumas pessoas têm uma visão errada sobre a biblioteca. É imprescindível mudar essa concepção, em parceria entre professores, bibliotecários e direção da escola todos com o objetivo de dinamizar a biblioteca e transformá-la em um organismo vivo, em constante evolução, trabalhando na construção de novos saberes.

A biblioteca é um espaço onde o conhecimento é gerado, e porque não dizer, construído; pois quando um profissional se empenha na educação de indivíduos, acaba formando pessoas com capacidade de criticar e analisar as informações que lhe são repassadas. Neste caso, surge a parceria entre bibliotecário/professor, que por sua vez corresponde a função complementar e não excludente. Ambas as atividades objetivam a formação de seres pensantes, formadores de opinião (BITTENCOURT, 2010, p.16).

Além disso, de acordo com o documento de Diretrizes da IFLA/UNESCO para biblioteca escolar (2005), “bibliotecário e professores ao trabalharem em conjunto, influenciam no desempenho dos estudantes para o alcance de maior nível de desempenho na leitura e escrita, aprendizagem, resolução de problemas, uso da informação e das tecnologias de comunicação e informação”.

Na opinião do profissional C2, bibliotecas escolares e públicas são “chaves mágicas”, ou seja, locais para se adentrar em um mundo de possibilidades e magia. O mesmo cita que as bibliotecas devem disponibilizar um profissional, que tenha habilidades e competência, para dinamizar e assim fazer convite a seus usuários no sentido de;

[...] instigar a curiosidade, de seduzir aquele que busca pela leitura, de compartilhar segredos (e para isso o profissional deve conhecer/ter lido muito!), mostrando este e aquele livros imperdíveis! Os bibliotecários deveriam ter uma sólida formação como Contadores (e eu recebo muitos deles em meus cursos) além de uma bagagem riquíssima de livros lidos, de verdade! Ficar atrás do balcão, indicando livros que muitas vezes não tem nada a ver com o que o solicitante quer, ou uma vez por semana sentar em roda e abrir um livro para ler é o fim da fantasia. Mata qualquer imaginação e vontade de voltar! Por isso tem bibliotecas legais e tem outras péssimas!

O colaborador C3 salienta que dinamizar as bibliotecas escolares é de extrema relevância, uma vez que funcionam como ferramenta indispensável no processo educativo e na prática pedagógica do educando, “sendo que estas têm como objetivos as seguintes funções: *informativa, educativa, cultural e recreativa*”.

O Contador de história C4 afirma que as atividades de contação de história nas bibliotecas escolares são de grande importância, mas salienta que ainda algumas bibliotecas não tem um trabalho de “qualidade e continuidade”. E o mesmo menciona, “*quem trabalha com livro, leitura e historia precisa conhecer muito bem tudo isso*”, ou seja, é indispensável formar profissionais qualificados.

Os profissionais (C5 e C7) partilham da mesma opinião, tendo a contação de história como ferramenta importante. É uma maneira de “*promover a ação cultural e o incentivo à leitura (função da biblioteca)*”. Além disso, o entrevistado aborda que alguns países têm na grade curricular a atividade de contação de história, mas no Brasil essa realidade não se aplica a todas as cidades.

Vários países tem essa preocupação e mantém contadores em suas bibliotecas e inclusive na Espanha há contação de histórias para bebês. Na Índia, as crianças escutam histórias uma vez por semana, [...] e as histórias fazem parte de um currículo integrado. No Brasil as pessoas gostam que os façam rir... não levam muito à sério. Não valorizam este trabalho, é considerado supérfluo infelizmente, poucos lugares como Santa Bárbara d'Oeste/SP tem trabalhos como este levado à sério. Na minha cidade Campinas é um marasmo... nada acontece, nem bibliotecas

temos. No Chile há bibliotecas até nas estações do metrô, e muitas feiras de livros e contação de histórias faz parte da cultura (C7).

Essa fala evidencia que alguns países têm políticas de incentivo à leitura, pois a prática de contar história é prioridade na educação, pois contempla o currículo escolar.

O entrevistado C8 opina que a contação de história é uma atividade “*válida e pertinente*” ao ambiente das bibliotecas escolares e públicas. Tendo esta como função preservar e disseminar o conhecimento, formar novos leitores, “*Principalmente porque depois de ouvir uma boa história, com certeza, principalmente os pequenos, todos ficaram ávidos por abrir muito livros em busca de novas aventuras*”, e assim adquirir o hábito da leitura na infância.

O participante comenta que participa de seminários, palestras e mesas redondas sobre as atividades de incentivo à leitura nas bibliotecas, comenta que se fazem necessária muitas ações: “*Nesse sentido, existem algumas ações pontuais, projetos muitas vezes que começam e não finalizam. Questões políticas também influenciam no momento de continuidade dos trabalhos voltados a arte, literatura*”. Embora se tenham efetivado muitas ações com sucesso, é necessário continuar, pois há muito a fazer, para “*que a arte seja tratada como deve ser em espaços públicos*” C9.

Para o contador de história C10 diferente da opinião dos outros profissionais, o que falta para a atividade de contação de histórias nas bibliotecas escolares e públicas não é recurso financeiro, mas especialmente “*o amor pela arte de ver o outro sorrir, a satisfação do brilho no olhar*”.

Os entrevistados (C11 e C12) abordam a contação de história em bibliotecas escolares e públicas, como uma prática essencial, para desenvolver o “*gosto pela leitura, à imaginação, a superação de problemas emocionais*”. Essa é uma eficaz “*fórmula [...] para encantar, e mostrar o lado lúdico e prazeroso das histórias*”. Sendo uma relevante ferramenta a novos leitores.

Considera-se que os entrevistados trazem aspectos abordados na literatura, para a compreensão de que a biblioteca, seja escolar ou pública, é um ambiente adequado à realização de atividades de incentivo à leitura, de modo que proporcione cultura e lazer. Além disso, a função da mesma é de gerar, armazenar e disseminar conhecimento. Portanto os profissionais das instituições devem trabalhar em conjunto para uma melhor qualidade da educação. Embora saibamos que muitas bibliotecas carecem de recursos humanos.

3.10 A Relação da Biblioteconomia com a contação de histórias

Ao afirmarem sobre a relação da Biblioteconomia com a contação de histórias, os entrevistados possuem diferentes opiniões que vão desde uma relação de parceria a diferentes profissionais.

Na opinião de alguns entrevistados a Biblioteconomia e a contação de história têm uma relação de parceria, pois a “Biblioteconomia e prática de contar história é a de total complementação” C8. Essa também é a opinião do entrevistado C2 “*Tudo a ver! Já falei que pra ser bibliotecário tem que ser Contador (Narrador) de Histórias, e dos Bons!*”.

Isso confirma que o bibliotecário pode se utilizar das técnicas de contar história, para desenvolver atividades de incentivo à leitura, pois as duas profissões têm em comum fomentar a leitura.

O entrevistado aponta para a existência de uma relação de parceria entre a Biblioteconomia e a contação de história, porém insuficiente por parte das instituições de ensino e, desse modo, descreve como se deu sua formação.

Uma relação de parceria que infelizmente é pouco aproveitada pela Academia, à maioria absoluta dos bibliotecários que saem das universidades, eu sou uma delas, não tiveram por parte de nenhuma disciplina durante o curso um conhecimento da contação de histórias, da tradição oral que contribuiu para que as mais tradicionais histórias infantis fossem transmitidas através de gerações e gerações e de continente para continente até serem registradas em livros e levadas para as bibliotecas. Os bibliotecários recebem a informação (quando recebem) que a contação de histórias, ou hora do Conto, é uma atividade para crianças pequenas, uma atividade destinada apenas para bibliotecas escolares e públicas, não apropriada para bibliotecas universitárias ou especializadas (C12).

Essa fala evidencia que há uma relação de parceria entre contação de história e a Biblioteconomia. Sendo a mesma bibliotecária comenta que durante sua graduação a grade curricular não contemplou disciplinas de incentivo à leitura como contar história.

Alguns entrevistados afirmam que o bibliotecário pode ser um contador de história, mas se o mesmo não tem habilitação é relevante contratar pessoal qualificado. De acordo com as declarações a seguir:

Penso que apesar de a função do profissional de Biblioteconomia ser de suma importância no que se refere às questões administrativas para o funcionamento da Biblioteca, o Bibliotecário deve dedicar-se também, um tempo as questões relativas à contação de histórias para que ele possa incentivar a leitura de forma criativa e prazerosa (C3).

Um bibliotecário pode não ser um bom contador, mas sua importância é por de mais valiosa, pois tendo conhecimento das mais variadas obras, poderá incentivar a

leitura aos que procuram a biblioteca... Perfeição quando além de ser um ótimo bibliotecário também é um bom contador de histórias...(C1).

Um bom contador de história tem que ser também um ávido leitor, e para motivar a leitura nas pessoas de todas as faixas etárias há que se utilizar textos de todos os tipos, de todos os gêneros, e a Biblioteconomia é uma facilitadora do conhecimento e organização desse material (C11).

Se o Bibliotecário não sabe contar histórias, por que vamos dizer claramente que não se obriga um profissional a exercer a arte. Arte é uma coisa que vem de dentro, contar história é uma coisa da pessoa. Então que pelo menos o bibliotecário crie condições para que haja espaço para profissionais que contem histórias e promovam saraus onde se revelam os talentos e ainda concursos de redação de contos e crie um bom espaço de trocas (C7).

Os entrevistados afirmam que o bibliotecário é capaz de realizar atividades de contar história, mas que o mesmo não é obrigado a realizar, pois dedicação e habilidade são atribuições indispensáveis a um contador de história, e se o mesmo não estiver habilitado faz-se necessária à contratação de pessoal qualificado para dinamizar a biblioteca.

O contador de história C5 afirma que é “*uma das formas de incentivar a leitura, entre tantas outras*”.

Para alguns entrevistados não há relação entre contar história e Biblioteconomia.

O currículo do curso de Biblioteconomia não faz essa relação na formação do Bibliotecário (C4).

O suporte dos livros, dos textos e do momento oferecido para quem vive na correria do dia a dia. O estudo desta profissão exige um tipo específico de profissional. Não pode ser simplesmente pelo salário no fim do mês. Esse universo é inesgotável e precisa de dedicação, amor mesmo (C10).

São profissões diferentes (C6).

Essas falas evidenciam que os entrevistados opinam que é necessária total dedicação, tempo não disponibilizado pelo bibliotecário, uma vez que o mesmo tem que se dedicar a questões de organização da biblioteca. E, além disso, são profissionais de áreas diferentes.

O entrevistado C9 não possui opinião sobre o tema, pois, não tem conhecimento sobre o curso de Biblioteconomia, na cidade onde reside. Cita “*Temos os técnicos em biblioteca, que fazem sim um esforço considerável em fomentar a prática de contar histórias em seus espaços de leitura*”.

Verifica-se que há diferentes opiniões entre os pesquisados sobre a relação da Biblioteconomia com a contação de histórias. Alguns Bibliotecários entrevistados consideram que há relação entre a contação de histórias e a biblioteconomia, mas acreditam que o curso é deficiente na formação de contadores de histórias. Ou seja, no período de graduação a grade curricular não contemplava a temática.

Alguns profissionais contadores de histórias entrevistados que não são bibliotecários acreditam que não há relação entre contar histórias e a Biblioteconomia, em minha opinião é por não ter conhecimento sobre o curso e habilidades e competências do bibliotecário.

Considero que qualquer profissional pode ser um contador de histórias, e o bibliotecário também. Pois acredito que além de organizar e disseminar a informação, o mesmo educa, fomenta a leitura, trabalha com cultura, lazer e outras atividades.

3.11 Bibliografias utilizadas pelos contadores de história em sua formação

Este tópico refere-se às bibliografias utilizadas pelos profissionais contadores de história em sua formação. Destacam-se algumas obras utilizadas por mais de um contador de história.

Quadro 2: Relação de obras utilizadas na formação dos contadores de histórias

Autor	Título	Vezes citada
ABRAMOVICH, Fanny	Literatura infantil: gostosuras e bobices. (1995)	2
BARCELLOS, Gladis Maria Ferrão; NEVES, Iara Conceição Bittencourt.	Hora do conto: da fantasia ao prazer de ler. (1995)	1
BETTELHEIM, Bruno	A psicanálise dos contos de fadas. (2002)	5
BUSATTO, Cléo.	Contar e encantar: pequenos segredos da narrativa. (2003)	5
CALDIN, Clarice Fortkamp.	A função social da leitura da literatura infantil. (2003)	1
COELHO, Beth	Contar histórias: uma arte sem idade. (2001)	2
CORSO, Diana L; CORSO, Mário.	Fadas no Divã: psicanálise nas histórias infantis. (2006)	2
DINORAH, Maria.	O livro infantil e a formação do leitor. (1995)	1
DOHME, Vânia.	Técnicas de contar histórias. (2000)	2
FLECK, Felícia de Oliveira.	O contador de histórias: uma nova profissão? (2007)	1
FLECK, Felícia de Oliveira.	A profissionalização do contador de histórias contemporâneo. (2009)	1
GIRARDELLO, Gilka (org.)	Baús e chaves da narração de histórias. (2004)	3

MACHADO, Regina.	Acordais- Fundamentos teórico-poéticos da arte de contar histórias. (2004)	4
MATOS, Gislayne Avelar.	A palavra do contador de histórias: sua dimensão educativa na contemporaneidade. (2005)	4
MATOS, Gislayne Avelar; SORSY, Inno.	O ofício do contador de histórias: perguntas e respostas, exercícios práticos e um repertório para encantar. (2007)	4
MELLON, Nancy	A arte de contar história	1
PETIT, Michele	Os jovens e a leitura	1
PERROTI, Edmir.	Confinamento cultural, infância e leitura.	1
PINKOLA, Clarissa Éster.	O Don da história	1
RIBEIRO, Jonas.	Ouvidos dourados: a arte de ouvir as histórias (... para depois contá-las...). (2006)	1
SILVA, Maria Betty Coelho.	Contar histórias, uma arte sem idade.	1
SISTO, Celso.	Textos e Pretextos sobre a arte de contar histórias. (2001)	5
SORSY, Inno;	O ofício do contador de histórias.	1
SOUZA, Renata Junqueira de (Org.).	Biblioteca Escolar e práticas educativas: o mediador em formação. (2009)	1
TAHAN, Malba.	A arte de ler e contar histórias	2

Fonte: Elaborado pela autora.

A partir das obras citadas pelos entrevistados, faz-se um breve comentário das sete obras mais utilizada na formação dos contadores de histórias, confirmando a preocupação dos contadores com sua formação profissional.

Em sua obra **A psicanálise dos contos de fadas**, Bruno Bettelheim discorre como a literatura de contos de fadas auxilia na vivência da criança, pois as histórias podem “estimular-lhe a imaginação: ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas emoções; estar harmonizada com suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades e, ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam”. A partir de clássicos como: Rapunzel, Cinderela, João e o Pé de Feijão, Chapeuzinho Vermelho

etc. o autor evidencia através das histórias as diferentes abordagens e, dessa forma, o profissional tem a possibilidade de trabalhar diferentes sentimentos que possam atrapalhar o desenvolvimento da criança, seja social ou emocional.

Cléo Busatto em sua obra **Contar e encantar: pequenos segredos da narrativa** aborda um relato de experiências vivenciadas pela autora, desde que a narrativa e o conto tornaram-se parte integrante de muitas pesquisas e processos de aprendizagem. Além disso, é um guia para iniciantes na arte da oralidade ou para profissionais adquirirem novos conhecimentos e práticas de contar histórias.

Acordais - Fundamentos Teóricos - poéticos da Arte de Contar Histórias de autoria de Regina Machado, evidencia a fundamentação teórico-prática da autora, enquanto contadora de história e também criadora de histórias.

Gislayne Avelar Matos, em sua obra **A Palavra do Contador de Histórias**, busca uma investigação apurada que abrange desde seu parentesco com a palavra revelada, de natureza divina, até as peculiaridades da poética do estilo oral, que lhe são próprias.

Gislayne Avelar Matos e Inno Sorsy na obra **O ofício do contador de histórias: perguntas e respostas, exercícios práticos e um repertório para encanta**, discorrem sobre suas experiências como contadores e, além disso, incluem exercícios práticos, para contar histórias.

Celso Sisto em sua obra **Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias** criam um manual elaborado para pessoas que desejam ser um contador de histórias.

Baús e chaves da narração de história é uma obra organizada por Gilka Giraldeello, a qual contém uma coleção de vários autores com relatos de aprendizagem enquanto contadores de história.

Em relação a obras literárias utilizadas durante a atividade de contar história, apenas um entrevistado citou duas obras de literatura infantil, Estés, Clarissa Pinkola. **Contos dos Irmãos Grimm**; e **Mulheres que correm com os lobos**. Os outros não se pronunciaram em relação a essa questão.

A décima segunda questão do instrumento de pesquisa buscou coletar informações de críticas e sugestões à pesquisa, para melhor desenvolvê-la, os entrevistados agradeceram pela colaboração na pesquisa, e solicitaram, ao término do trabalho, o envio para os mesmo. Apenas a entrevistada C1 sugeriu a inclusão de uma questão no questionário, sobre as bibliografias utilizadas pelos contadores em sua formação profissional. Na segunda etapa, foi inclusa a pergunta aos contadores de histórias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo inicial verificar como acontece a formação de contadores de histórias, integrantes da *Red Internacional de Cuentacuentos*, e como desenvolvem suas atividades. Acredito que os objetivos da pesquisa foram alcançados, uma vez que, se conseguiu responder as questões.

Em relação aos contadores de história vinculados à *Red Internacional de Cuentacuentos*, constatou-se que dos entrevistados, três tinham em sua graduação o curso de Biblioteconomia. Os demais são oriundos de diferentes áreas do conhecimento como: Pedagogia, Psicologia, Fonoaudiologia, Artes Visuais, Letras, Designer Gráfico e atores.

No que se referem à formação profissional dos contadores de histórias, foi possível observar que alguns adquiriram o hábito da leitura na infância, através de histórias narradas pelos pais ou parentes, ou desde criança tinham o hábito da leitura e buscaram, na prática da narrativa sua profissão. Outros durante a vida profissional tiveram experiência de contar histórias e optaram pela profissão.

Ao analisar e comparar as questões em relação às dificuldades enfrentadas, para realizar a atividade de contação de história, alguns entrevistados afirmam: a conversa paralela à atividade, pessoas que não estão dispostas a ouvir a narrativa; o barulho externo atrapalha como, por exemplo, se a mesma estiver sendo realizada em praças, e o local não adequado, ou seja, pequeno e com pouca ventilação. Porém há profissionais que asseguram estar habituados a realizar a prática de contação em diferentes situações, não havendo dificuldade.

A relação do curso de Biblioteconomia com a contação de história na opinião de alguns entrevistados é de cumplicidade, uma vez que, o ofício de contar história está inserido no contexto da Biblioteconomia. Penso que os bibliotecários podem desenvolver atividades de incentivo à leitura, pois durante sua formação profissional recebem informações de como realiza-las, através de disciplinas, oficinas e minicursos.

Considero que qualquer profissional pode ser um contador de histórias, e o bibliotecário também. Pois acredito que além de organizar e disseminar a informação, o mesmo educa, fomenta a leitura, trabalha com cultura, lazer e outras atividades.

Porém se o mesmo não possui habilidades e competências é necessário à contratação de pessoal qualificado.

Outros acreditam que a formação do contador de história não é a mesma do bibliotecário, entretanto possui a mesma concepção, a importância da narrativa e da leitura, na

formação de cada indivíduo e cidadão. Sendo o Bibliotecário um profissional da educação, é relevante utilizar o conhecimento e as técnicas do profissional contador de histórias, para dinamizar a biblioteca.

Para os contadores de histórias, a prática de contar histórias em bibliotecas escolares e públicas, é de grande relevância, pois a mesma tem como função: preservar e disseminar o conhecimento e fomentar a leitura. Mas salientam que são necessários profissionais qualificados. Para realizar a atividade, requer-se competência e habilidades. Isso evidencia a falta de profissionais qualificados, para atender as necessidades de todas as bibliotecas do país na opinião dos entrevistados.

As publicações citadas pelos entrevistados demonstram a preocupação de uma formação de qualidade. Através da colaboração dos mesmos, foi possível utilizar algumas obras citadas: Bettelheim, Busatto, Caldin e Fleck, na presente pesquisa. Observou-se que além de contador de história alguns são escritores como Busatto, Sisto e Silva. Isso evidencia a preocupação do contador em colaborar com publicações sobre a temática.

Confirma a literatura estudada a relevância da contação de histórias “estimulam a leitura, a fantasia, a imaginação e os sonhos, como arte e prazer. É ouvindo história que vivemos emoções, entendemos melhor a vida e podemos lidar com as questões de sentimento mais facilmente” (MICHELS, 2006, p.16). Isto afirma a importância da arte de contar histórias na construção do conhecimento.

A narrativa oral é uma atividade lúdica “eficaz ferramenta para aguçar a curiosidade por outras artes e excitar a imaginação” (TORRES e TETTAMANZY, 2008, p. 3), além disso, favorece o aprendizado, permitindo à criança adentrar em um mundo de possibilidades.

A contação de histórias é uma alternativa, para que os alunos tenham uma experiência positiva com a leitura, pois para formar leitores, não basta ensinar a ler, é preciso ensinar a gostar de ler. São esses momentos prazerosos da narrativa que se formam os grandes leitores, reflexivos e conscientes.

Valorizar a leitura não só como uma prática necessária ao processo pedagógico da escola, mas a literatura como um suporte capaz de transformar crianças em cidadãos formadores de opinião. “É indispensável à busca de alternativas metodológicas que permita aos profissionais da educação, seja o profissional bibliotecário, em conjunto com os professores desenvolver habilidades e competências, para trabalhar com a leitura” (CALDIN, 2002, p.2). Isso evidencia que os profissionais da educação devem ter uma formação adequada, pois é através de aquisição de novos conhecimentos que teremos a possibilidade de transmitir a outrem.

A pesquisa foi relevante, um desafio para a pesquisadora, uma vez que, ao abordar o assunto o qual a mesma tem sérias dificuldades na escrita e na oralidade, em função de sua formação como leitora, ter iniciado na graduação. Isso demonstra a importância do incentivo à leitura na infância, pais e educadores colaborando na formação de cada cidadão.

Acredita-se que as ideias apresentadas pelos teóricos que embasaram esta análise e as respostas dadas pelos entrevistados, podem contribuir para ampliação da prática de contar histórias. Sendo a mesma importante ferramenta de incentivo à leitura, adequada a formar leitores e ouvintes.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Araci Isaltina de; BLATTMAN, Úrsula. **Atividades de incentivo à leitura em bibliotecas escolares**. 1998. Disponível em: <<http://www.ced.ufsc.br/~ursula/papers/leitura.html>>. Acesso em: 08 out. 2012.
- APPOLINÁRIO, Fábio. **Metodologia da Ciência: filosofia e prática de pesquisa**. São Paulo: Thomson, 2006.
- BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. 21. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.
- BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. 16. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002. Disponível em: http://xa.yimg.com/kq/groups/15250498/2139827055/name/a_psicanalise_dos_contos_de_fadas.pdf>. Acesso em: 08 out. 2012.
- BITTENCOURT, Bárbara Rocha. **A hora do conto como atividade na biblioteca escolar**. 2010. 46 p. Monografia (Graduação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/27793>>. Acesso em: 08 out. 2012.
- BUSATTO, Cléo. **A arte de contar histórias no século XXI: tradição e ciberespaço**. Petrópolis, RJ: vozes, 2006.
- BUSATTO, Cléo. **Um olhar transdisciplinar para a arte de contar história**. 2010. Disponível em: <<http://cleobusatto.blogspot.com.br/2010/10/um-olhar-transdisciplinar-para-arte-de.html>>. Acesso: 08 out. 2012.
- CALDIN, Clarice Fortkamp. A função social da leitura da literatura infantil. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, v. 8, n. 15, 2003. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/documento.php?dd0=0000001333&dd1=99f3d>> Acesso em: 04 abril 2012.
- CALDIN, Clarice Fortkamp. A oralidade e a escritura na literatura infantil: referencial teórico para a hora do conto. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, v. 7, n. 13, 2002. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/documento.php?dd0=0000001325&dd1=23c93>>. Acesso em: 04 abr. 2012
- CALDIN, Clarice Fortkamp. O bibliotecário, a criança e a literatura infantil: algumas ponderações. **Rev. ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, v. 6, n. 1, 2001. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/documento.php?dd0=0000008144&dd1=7ba33>>. Acesso em: 10 maio 2012.
- CARVALHO, Caroline. **Formação de leitores: a contação de histórias**. 2009. 190 p. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Vale do Itajaí. Itajaí, SC. Disponível em:

<http://www6.univali.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=740>. Acesso em: 08 out. 2012.

CAVALCANTI, Joana. **Caminhos da literatura infantil e juvenil: dinâmicas e vivências na ação pedagógica**. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2009.

CONTA BRASIL. **O instituto conta Brasil**. Disponível em: <<http://www.contabrasil.org.br>>. Acesso em: 07 out. 2012.

COSTA, Rosaria Garcia. Ainda é tempo de contar e ouvir histórias. **Vox XXI**. Porto Alegre, v. 2, n. 23, 2002.

COSTA, Rosaria Garcia. **A contação de história como estratégia de dinamização na biblioteca escolar: uma abordagem sobre métodos de hora do conto e/ou contação de história**. 9 out. 2012. Entrevista de Maria Cristina da Silveira Damasceno.

DIAS, Victor Gonçalves; DUTRA, Lidiane Fonseca. Hora do conto: atividade pedagógica que estimula o gosto pela leitura. **Revista Didática Sistemática**, v. 7, 2008. Disponível em: <<http://www.seer.furg.br/redis/article/view/1251/546>>. Acesso 07 out, 2012.

FARIAS, Christianne Martins; VITORINO, Elizete Vieira. Competência informacional e dimensões da competência do bibliotecário no contexto escolar. **Perspectiva em Ciência da Informação**, v.14, n. 2, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pci/v14n2/v14n2a02.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2012.

FERREIRA, Danielle Thiago. Biblioterapia: uma prática para o desenvolvimento pessoal. **Educação Temática Digital**, Campinas, v.4, n. 2, 2003. Disponível em: <<http://www.fe.unicamp.br/revista/index.php/etd/article/viewFile/1809/1651>>. Acesso em: 13 dez. 2012.

FLECK, Felícia de Oliveira. **A profissionalização do contador de histórias contemporâneo**. 2009. 91 p. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação do Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, SC. Disponível em: <http://www.tede.ufsc.br/tedesimplificado//tde_busca/arquiv.php?codArquivo=1172>. Acesso em: 5 maio 2012.

FLECK, Felícia de Oliveira. O contador de histórias: uma nova profissão? **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, v. 12, n. 23, 2007. Disponível em: <http://www.brapi.ufpr.br/search_result.php>. Acesso em: 5 maio 2012.

GIROTTO, Cyntia Graziella Guizelim Simões. A hora do conto na biblioteca escolar: o diálogo entre a leitura e outras linguagens. In: SOUZA, Renata Junqueira de (Org.) **Biblioteca escolar e práticas educativas: o mediador em formação**. Campinas, SP: Mercado de letras, 2009.

GONÇALVES, Renata Braz. **A inexistência de políticas públicas de formação de leitores versus a iniciativa das escolas da rede pública municipal de ensino de pelotas: 1987 –**

2003. Pelotas, 2005. 138 p. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

GONÇALVES, Renata Braz. Incentivo à leitura nas bibliotecas escolares da rede pública municipal de Pelotas e a inexistência de políticas públicas sistematizadas (1987-2003).

BIBLOS - Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação, v. 20, n. 1, 2007.

Disponível em: < <http://www.brapci.ufpr.br/documento.php?dd0=0000000122&dd1=ae91f>>.

Acesso em: 20 jun. 2012.

GRANDI, Cleci Marlene. A eficácia da hora do conto como estímulo à leitura. **Revista de Biblioteconomia e Comunicação**, v. 10, n. 1, 1989. Disponível em:

<<http://www.brapci.ufpr.br/documento.php?dd0=0000003496&dd1=af299>>. Acesso em: 20 jun. 2012.

IFLA- **Federação Internacional de Associações de Bibliotecários e Instituições**: Diretrizes da IFLA/UNESCO para a biblioteca escolar. Tradução de Neusa Dias Macedo; Helena Gomes Oliveira, São Paulo, 2005. Disponível em: <http://www.ifla.org/files/assets/school-libraries-resource-centers/publications/school-library-guidelines/school-library-guidelines-pt_br.pdf>. Acesso em: 08 out. 2012.

MAINARDES, Rita de Cássia Milléo. **A arte de contar histórias**: uma estratégia para formação de leitores. 2008. Disponível em:<

<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/338-4.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2012.

MEIRELES, Cecília. **Problemas da literatura infantil**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1984.

MICHELS, Jane Maria. **Era uma vez...: técnicas pedagógicas para a hora do conto**. Novo Hamburgo: Borboletas, 2006.

OLIVEIRA, Jurema da Silva. **Hora do conto, oficina matemática e educação inclusiva**.

2010. 36 p. Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Alvorada, RS. Disponível em:

<<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/35712/000795157.pdf?sequence=1>>.

Acesso em 20 abril 2012.

RIC. **Red Internacional de Cuentacuentos**. Disponível em:

<<http://www.cuentacuentos.eu/noticias/noticias.htm>>. Acesso em: 07 out. 2012.

SCHARF, Rosetenair Feijá. **A escola e a leitura**: prática pedagógica da leitura e produção textual. 2000. 205 p. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Sul de Santa Catarina.

Tubarão, SC. Disponível em: <

http://portal.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/06_12_2011_11.30.14.70026e3210fab816595ac3b52a394f2f.pdf>. Acesso em: 20 out. 2012.

SCHNEID, Jucelma Terezinha Neves. **A arte de contar histórias e a formação de novos leitores em múltiplos suportes**. 2011. 96 p. Tese (Mestrado), 2011 - Instituto de Filosofia e

Ciências Humanas da Universidade de Passo Fundo. Passo Fundo. Disponível em:
<http://www.ppgl.upf.br/index.php?option=com_content&view=article&id=16&Itemid=25>.
Acesso em: 19 jan. 2012

SILVA, Luiz Inácio Lula. **Presidência da República**: casa civil subchefia para assuntos jurídicos. Brasília, 2010.
Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12244.htm.
Acesso em 08 abril 2012.

SILVA, Irenilda Medeiros da et al. **Inserção do profissional bibliotecário nas bibliotecas públicas municipais e escolares**: uma prática. Disponível em: <
<http://rabci.org/rabci/sites/default/files/INSER%C3%87%C3%83O%20DO%20PROFISSIONAL%20BIBLIOTEC%C3%81RIO%20NAS%20BIBLIOTECAS%20P%C3%9ABLICAS%20MUNICIPAIS%20ESCOLARES%20uma%20pr%C3%A1tica.pdf>>. Acesso em: 07 out. 2012.

SILVA, Valéria Santos da. **Técnicas teatrais e contação de histórias**: uma boa parceria, 2006. Disponível em:
<http://alb.com.br/arquivomorto/edicoes_anteriores/anais17/txtcompletos/sem15/COLE_1728.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2012.

SOUZA, Sirlei Wolschick de. **A presença da literatura oral no ambiente escolar**. 2010. 51 p. Monografia (Graduação) – Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Disponível em:
<<https://www.repositorioceme.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/39509/000825449.pdf?sequence=1>>. Acesso em 28 set. 2012.

TEIXEIRA, Patrícia Redel Nunes. **O papel da contação de história como biblioterapia**: a experiência do projeto “Histórias na creche” do núcleo da hora do conto – FABICO/UFRGS na creche da Instituição Amigo Germano, em Porto Alegre - RS. 2004. 81 p. Monografia (Graduação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Disponível em:<<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/18922>>. Acesso em: 28 set. 2012.

TORRES, Shirlei Milene; TETTAMANZY, Ana Lúcia Liberato. Contação de histórias: resgate da memória e estímulo à Imaginação. **Nau Literária**, v. 4, n. 1, 2008. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/NauLiteraria/article/view/5844/3448>>. Acesso em: 28 set. 2012.

APÊNDICE A - Narrativas sobre a formação e o desenvolvimento de atividades de contadores profissionais de histórias: estratégias de promoção da leitura

- 1) Como define a contação de história e/ou hora do conto?
- 2) Em sua opinião quais os benefícios da contação de histórias?
- 3) Você possui um público específico para contar histórias?
- 4) Quais os métodos utiliza para realizar a atividade?
- 5) Qual o critério de seleção do material para realizar a atividade?
- 6) Quais as dificuldades encontradas para realizar a atividade?
- 7) Como conheceu a *Red Internacional de Cuentacuentos* e aderiu a ela?
- 8) Como se apresenta a formação como contador de histórias?
- 9) Em sua opinião, como avalia esse trabalho em bibliotecas escolares e públicas.
- 10) Em sua opinião, qual a relação da Biblioteconomia com a contação de histórias?
- 11) Utilizou alguma bibliografia em sua formação? Qual?
- 12) Espaço para sugestões/críticas.

